

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**João Carlos Moraes Condé**

**Um repórter desce ao abismo: O *Última Hora* e a  
“juventude transviada” carioca nos anos 1950**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como  
requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História

Orientador: Prof. Dr. Diego Antonio Galeano

Rio de Janeiro,  
Dezembro de 2019

Ao meu avô, José Carlos Condé, por ter me despertado a  
curiosidade pela História.

## **Agradecimentos**

À toda a minha família, especialmente à minha mãe, meu pai e minha irmã, pelo suporte não apenas financeiro, mas emocional e afetivo durante os anos da graduação.

Aos meus avós, Alva Lúcia e José Carlos pelo amor, companheirismo e interesse demonstrado em cada uma das conversas sobre a minha trajetória.

Às pessoas que amo e estiveram comigo para conselhos, abraços e risadas. Em especial: Kaique Bastos, Bruna Bôa, Danilo Bresciani, Matheus de Lucca, Maria Eduarda Lima, Gabriel Bastos e Yasmin Franco, por terem, através de verdadeira amizade, tornado mais fáceis os últimos anos.

Ao historiador e amigo Paulo César Gomes por todo o apoio profissional.

Ao jornalista Pinheiro Junior, pela entrevista concedida.

À Anair Oliveira, Cláudio Santiago, Cleusa Ventura e Igor Gomes, funcionários do departamento de História da PUC-Rio, pela infinita dedicação em me ajudar, seja com uma análise de disciplinas restantes, ou com um copo de café e um biscoito no final de um dia cansativo.

Ao Instituto Moreira Salles, pela oportunidade de estágio, e aos companheiros da Coordenadoria de Literatura, Katya Moraes, Manoela Oliveira, Elizama Santos, Bruno Cosentino, Jane Leite, Jorge Chaloub e Elvia Bezerra, por todo o acolhimento que recebi durante o estágio.

Ao PIBID, pela oportunidade de atuar nas salas de aula de uma escola pública em um país que tanto precisa de profissionais da educação capacitados, especialmente ao professor Ilmar Rohloff de Mattos, exímio formador de educadores e historiadores.

À professora Larissa Corrêa, pelo primeiro contato com pesquisa acadêmica no PIBIC, bem como em toda a orientação recebida durante a graduação.

Ao meu orientador, Diego Galeano, por todo cuidado profissional e emocional de 2016 até aqui.

À PUC Rio, por me formar professor, historiador e ser humano melhor.

**Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo analisar o surgimento da ideia de uma “juventude transviada”, como expressão amplamente utilizada pela imprensa para designar grupos de jovens de classe média alta, no Rio de Janeiro dos anos 1950. Além disso, discutem-se as motivações e os impactos gerados pela publicação da série de reportagens publicada pelo jornal *Última Hora* em 1957, bem como a relação entre imprensa, sociedade e instituições após a divulgação das reportagens em questão. A partir disso, observa-se que os jornais brasileiros encontraram na exploração do termo “juventude transviada” uma maneira de aumentar a venda de seus exemplares.

**Palavras-chave:**

“Última Hora”; “juventude transviada”; “imaginário” “imprensa”;

## **Sumário**

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>James Dean em Copacabana</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>“Alerta aos pais irresponsáveis”</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>“Prendam esses transviados”</b>	<b>40</b>
<b>5</b>	<b>Conclusão</b>	<b>50</b>
<b>6</b>	<b>Anexo I</b>	<b>53</b>
<b>7</b>	<b>Anexo II</b>	<b>72</b>
<b>8</b>	<b>Bibliografia</b>	<b>83</b>

## Lista de ilustrações

Imagem 1 - Publicidade na <i>Tribuna da Imprensa</i> .	21
Imagem 2 - Capa da <i>Última Hora</i> .	27
Imagem 3 - Jovem bebendo.	30
Imagem 4 – Jovem fumando maconha.	32
Imagem 5 – Jovem fumando maconha.	32
Imagem 6 – Jovens em um carro.	34
Imagem 7 – Machete do <i>Última Hora</i> .	36
Imagem 8 – Moça em casa.	37
Imagem 9 – Moças se divertindo.	37
Imagem 10 – Manchete da <i>Tribuna da Imprensa</i> .	42
Imagem 11 – Manchete da <i>Última Hora</i> .	45
Imagem 12 – Jovem depõe a procuradores.	46

*“A nossa juventude transviada deve ser muito mais interessante. Isto é: muito mais transviada. Se os desencontros da moçada americana deram um filme tão falado, por que as loucuras dos nossos transviados não dariam também uma reportagem de repercussão?”*

Pinheiro Junior



## Introdução

Transviado: aquele que se transviou; quem se afastou dos bons costumes; desencaminhado; que se perdeu no caminho; que se opõe aos padrões comportamentais preestabelecidos ou vigentes; vagabundo; que vive a vagar sem rumo certo.<sup>1</sup>

Segundo os dicionários da língua portuguesa, esta é a definição para a palavra “transviado”, que se trata de um termo recorrente no imaginário da população brasileira residente nos grandes centros urbanos do país. Se em uma conversa casual com pessoas de mais de cinquenta anos, se perguntar quem eram os “transviados” do século passado, muito provavelmente as respostas serão muito parecidas: eram jovens que viviam sem regras, dirigiam lambreta, vestiam jaquetas de couro, calças jeans e usavam um característico topete no cabelo. Esta é parte da definição que se popularizou no Brasil sobre o que se chamava de “juventude transviada”.

No entanto, a expressão nem sempre foi popular. Uma pesquisa no acervo digital do jornal *O Globo* aponta que no período compreendido entre 1951 e 1956, o termo é mencionado apenas 24 vezes. No entanto, ao continuar a pesquisa para os anos seguintes, de 1957 a 1959, o termo se destaca em 153 ocasiões nas páginas do jornal. A notória diferença entre a quantidade de menções nos dois períodos pode indicar que a expressão se popularizou rapidamente no vocabulário utilizado pela imprensa no Rio de Janeiro. Em um período de seis anos, o termo foi mencionado cerca de sete vezes menos do que no período dos três anos seguintes. Com isso, pode-se afirmar que a partir do ano de 1957, a expressão foi bastante utilizada nos principais veículos de imprensa da capital. Por esse motivo, pode-se supor também, que a expressão ficou cada vez mais popular entre a população carioca que, ao mesmo tempo que tinha contato diário com os jornais e revistas publicados na cidade, provavelmente teve algum tipo de contato com o filme de James Dean.

Essa periodização não é um casual: o ano de 1956 foi marcado pelo lançamento do filme *Rebels without a cause*, estrelado pelo ator James Dean, que interpretava um jovem tido como problemático em uma narrativa repleta de brigas, excesso de álcool e contravenção à lei. Na época da estreia do filme, alguns jornais

---

<sup>1</sup> Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/transviado/>

brasileiros destacaram que o filme tratava da “delinquência juvenil”, uma preocupação que se espalhava pelo mundo nos anos de pós-guerra.

No Brasil, a tradução do título original em inglês foi, precisamente, *Juventude Transviada*, expressão que nos anos seguintes ao lançamento do longa, ficaria famosa na cidade do Rio de Janeiro pela ênfase que receberia nas páginas de jornais e revistas de grande circulação da cidade.

Em alguns períodos da segunda metade da década de 1950, jornalistas cariocas se dedicaram a produzir matérias demonstrando preocupação com os hábitos da juventude, referindo-se a mesma como “juventude transviada”, termo retirado da tradução do filme de James Dean, utilizado para descrever jovens que fariam parte de uma “cultura *underground*”, numa espécie de submundo do abuso de álcool, drogas ilícitas e “perversões sexuais”. Tratava-se do momento onde se criava um novo termo para designar práticas já corriqueiras ligadas à transgressão juvenil.

Nesse sentido, o historiador francês Dominique Kalifa desenvolve a ideia de um imaginário dos submundos como uma “representação” ou uma “construção social”, gerada através de cruzamentos entre literatura, desejo de mudança e de moralização. Com isso, através de textos escritos por pessoas que “desciam ao abismo” para relatar o que foi visto, se dava a exploração das emoções daqueles que porventura tivessem acesso ao relato.<sup>2</sup>

Em um dos casos, em março de 1957, o jornal *Última Hora* designou ao jovem repórter Pinheiro Junior a tarefa de adentrar o universo da “juventude transviada”, com o objetivo de redigir uma coletânea de matérias denunciando a forma de vida de uma mocidade que, por irresponsabilidade dos seus pais, poderia chegar à criminalidade através de seus hábitos “transviados”, que representavam uma fuga do padrão esperado para a juventude da época.

Pinheiro Junior é um repórter brasileiro que iniciou sua carreira no ano de 1955 e trabalhou em grandes jornais como *O Dia*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Jornal e Folha de São Paulo*. No entanto, foi no *Última Hora* que construiu sua carreira jornalística, como editor e diretor, e lá permaneceu até o declínio do jornal. Desde muito jovem, Pinheiro Junior trabalhou em diversas reportagens relevantes,

---

<sup>2</sup> KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. São Paulo, EDUSP: 2017, p. 17.

com destaque para a que escolhi como fonte central deste trabalho: a série de reportagens sobre a “Juventude Transviada”, publicada pelo *Última Hora* em março de 1957, quando o jornalista tinha apenas vinte e dois anos. Hoje em dia, o jornalista Pinheiro Junior está aposentado e reside em Niterói. No início do processo de pesquisa, consegui localizá-lo e marcar uma entrevista. A mesma está inclusa como anexo e, juntamente a série de reportagens e ao seu livro de memórias, compõe as principais fontes utilizadas para este trabalho.

A reportagem de Pinheiro Junior é uma das pioneiras na atribuição do termo “juventude transviada” para identificar jovens através de hábitos condenáveis. O primeiro veículo de imprensa a se referir dessa maneira a grupos de jovens após o lançamento do filme de James Dean, foi a revista *Manchete* em fevereiro de 1957<sup>3</sup>. Tratou-se de uma reportagem sobre desvios juvenis em uma edição que a capa estampava a pergunta: “Aonde vai a nossa juventude?” Cerca de um mês depois, o jornal *Última Hora* inicia sua série de reportagens sobre o mesmo tema.

No entanto, apesar de pioneiras, o gênero jornalístico utilizado não se tratou de uma novidade inaugurada pelo *Última Hora* na década de 1950. Há, na verdade, diversos registros de reportagens do gênero, onde o jornalista “desce” para investigar um mundo “subterrâneo” e desconhecido que seja capaz de despertar a curiosidade da população de maneira geral. Esse submundo a ser investigado pode se apresentar de diversas maneiras nos relatos jornalísticos: podem ser prostíbulos, presídios, espeluncas, terreiros, pontos de consumo de drogas, ou quaisquer outros lugares que despertem medo, fascínio ou curiosidade na população como um todo.

Já nos primeiros anos do século XX, o famoso cronista João do Rio publicou nos jornais seus relatos sobre rituais de religiões de matriz africana realizados nas áreas mais periféricas do centro do Rio de Janeiro. Um outro cronista, Elísio de Carvalho, publicou nos anos 1910 diversos relatos em uma série intitulada “As neuroses e os vícios da cidade”, onde trazia relatos de usos de drogas ilícitas como ópio, morfina e cocaína obtido através de visitas a pontos de consumo de drogas na cidade do Rio de Janeiro. Mais tarde, em 1924, o escritor Benjamin Costallat publicou no *Jornal do Brasil* a série “Mistérios do Rio”, abordando temáticas de apelo social, trazendo relatos de episódios relacionados ao crime, à prostituição, à malandragem e aos vícios de maneira geral.

---

<sup>3</sup> “Blue jeans, blusa vermelha, gente moça, futuro sombrio”, *Manchete*. Rio de Janeiro. 16/02/1957, p.9.

Crônicas e reportagens do submundo carioca continuaram sendo publicadas nos jornais ao longo da primeira metade do século XIX e, algumas delas, estavam no mapa de leituras do próprio Pinheiro Junior. Em episódios mais próximos temporalmente da publicação das reportagens sobre a “juventude transviada” no *Última Hora*, estão dois casos citados pelo jornalista Pinheiro Junior em seu livro de memórias. O primeiro caso trata-se da experiência de Nelson Rodrigues em um presídio feminino de Bangu. Já na segunda ocasião, o jornalista Léo Monteiro se internou no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro para relatar o cotidiano dentro do hospital.

Todas essas reportagens, desde João do Rio nos primeiros anos do século XX, até Pinheiro Junior na década de 1950, possuem em comum o fato de estarem adentrando um submundo desconhecido abordando diferentes assuntos como uso de drogas ilícitas, vícios, prostituição e crime. Além disso, essas reportagens costumavam atingir uma considerável repercussão, por estarem revelando algo desconhecido e capaz de gerar curiosidade nos cidadãos comuns. Pela repercussão que conseguiam atingir, pode-se afirmar que reportagens do gênero podem ser muito lucrativas e, por vezes, incentivadas pela redação de jornais brasileiros durante todo o século passado.

No entanto, há algo característico na série de reportagens que analiso neste trabalho: a forma veloz como a ideia de uma “juventude transviada”, expressão recente para o período, se popularizou nos jornais e revistas a partir de 1957, pode evidenciar a construção de um estigma para grupos de jovens, visto que mais de um periódico se dedicou a produzir matérias sobre os hábitos dessa mocidade, em reportagens que repercutiram muito no período em questão.

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar as causas da popularização da expressão “juventude transviada” para designar grupos de jovens na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, pretendo identificar os impactos da publicação no fortalecimento de um imaginário social e urbano referente ao que era denunciado na imprensa.

Nesse sentido, Kalifa afirma que a criação do imaginário de um submundo está relacionada com a reunião de peças soltas em uma narrativa que as reúna com

certa coerência, lhes dando nome e a partir disso, uma identidade e visibilidade social.<sup>4</sup>

Para isso, utilizei fontes provenientes a imprensa carioca nos anos 1950, tanto do jornal *Última Hora* quanto de outros grandes jornais do período. O grupo de reportagens do jornalista Pinheiro Junior está disponível no Anexo I deste trabalho. Além disso, utilizei como fonte a entrevista disponível no Anexo II e seu livro de memórias sobre o período em que atuou como repórter do jornal *Última Hora*.<sup>5</sup>

O texto está dividido em três capítulos onde abordarei diferentes aspectos da relação entre imprensa, população e instituições públicas e religiosas do Rio de Janeiro com a consolidação da expressão “juventude transviada” no vocabulário carioca. No primeiro capítulo, discutirei as mudanças no cotidiano da população da cidade do Rio de Janeiro e demais capitais do Brasil, visto que o avanço da indústria, abertura para o mercado internacional e a chegada massiva de produtos culturais provenientes dos Estados Unidos transformaram significativamente a vida das pessoas no país, mas principalmente nas grandes cidades do centro-sul brasileiro. Neste capítulo, buscarei evidenciar como a relação entre a população e o cinema, extremamente popular no cotidiano de lazer do Rio de Janeiro nos anos 1950, possibilitou uma significativa transformação social nos hábitos da juventude de maneira geral, o que colaborou para a popularização de um estilo semelhante ao de astros norte-americanos, como James Dean, entre os jovens brasileiros, que ao assistirem filmes provenientes de *Hollywood* incorporam cada vez mais seus hábitos e modismos. Construía-se, portanto, uma semelhança entre os jovens dos filmes de *Hollywood* e os jovens de classe média de Copacabana. Portanto, a partir de um filme de grande sucesso sobre delinquência juvenil estrelado por Dean, criou-se através da imprensa um paralelo entre a “juventude transviada” de *Hollywood* e a “juventude transviada” do bairro de Copacabana, caracterizada por seus supostos maus hábitos.

Além disso, o uso da expressão “juventude transviada” se revelou muito lucrativo para os veículos de imprensa, ao considerar a maneira pela qual os jornais

---

<sup>4</sup> KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. São Paulo, EDUSP: 2017, p. 14.

<sup>5</sup> JUNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner*. Rio de Janeiro, Mauad X: 2011.

e revistas exploraram o uso do termo nos anos 1950 e nas décadas posteriores. O segundo capítulo aborda a perspectiva do jornal na publicação da série de reportagens, bem como investiga os motivos pelo qual o jornal *Última Hora* aderiu à investigação do que passava a se chamar “juventude transviada”, bem como a maneira pela qual a série de reportagens era incentivada pelo próprio jornal.

A publicação das reportagens tinha forte teor sensacionalista que, após o sucesso da venda das tiragens, gerou impactos na cidade do Rio de Janeiro: esses impactos urbanos são o tema do terceiro e último capítulo do texto. Nele pretendo analisar os efeitos da publicação das matérias. Entre eles, pode-se destacar primeiramente a mobilização da opinião pública contra os episódios denunciados pelo jornal. Após a publicação da matéria, iniciou-se uma campanha por investigação e punição dos delitos cometidos pelos jovens transviados. A partir disso, instituem-se comissões, e mobiliza-se o trabalho da polícia e de procuradores para apurar os crimes denunciados. Além disso, surgiram na imprensa depoimentos de religiosos, advogados, juízes e psicólogos argumentando sobre os problemas da “juventude transviada”, bem como eventuais soluções para os problemas em questão.

Com isso, pretendo evidenciar os motivos da popularização do termo, o papel do jornal *Última Hora* na construção de um estigma para o que passou a se chamar “juventude transviada”, bem como os impactos gerados pelo conjunto de matérias analisado pelo presente trabalho. Assim, presumo que os jornalistas do *Última Hora* se valeram de uma narrativa cinematográfica de sucesso para obter lucros expressivos com a venda de jornais que sensibilizaram grande parte da população carioca em torno dos “dramas da juventude transviada.”

## James Dean em Copacabana

Os anos 1950 no Brasil, tradicionalmente conhecidos como “anos dourados”, foram marcados por uma vertiginosa sensação de mudança rumo ao progresso. Pelos olhos de muitos contemporâneos, o Brasil parecia ser o país do futuro, finalmente caminhando rumo ao seu lugar reservado em meio aos países desenvolvidos. A população brasileira, em especial as classes médias, foram tomadas por uma euforia gerada pelo surgimento de novos padrões de consumo que revolucionaram os hábitos e costumes do cidadão brasileiro proveniente das grandes cidades, modernizando-os.

Nesse sentido, a historiadora Anna Cristina Figueiredo afirma:

*“Da simples lâmina de barbear ao mais requintado automóvel, não havia nos anos 50 e 60, bem de consumo que não se pretendesse moderno, novo ou inédito. Estes bens eram oferecidos a homens e mulheres igualmente modernos, afinados com os novos tempos e vivendo em perfeita consonância com o progresso.”<sup>6</sup>*

Portanto, a industrialização nacional aliada à abertura para o capital estrangeiro durante o governo Juscelino Kubitschek, modificou a forma habitual de consumo de certos setores de camadas médias da população brasileira, gerando um estilo de vida modernizado e percebido como menos distante do cotidiano dos países mais desenvolvidos. A enxurrada de novidades que atravessou a vida doméstica gerou fortíssimas mudanças nos costumes da população dos grandes centros urbanos do país. Com isso, as classes médias demonstravam uma euforia latente com as transformações em suas vidas cotidianas.

Na segunda metade dos anos 1950, as casas contavam com novidades eletrodomésticas, como o liquidificador, batedeira, fogão a gás e geladeira, produtos que se popularizam e modificaram intensamente a relação das famílias com o preparo e armazenamento da comida. No entanto, não apenas por isso a forma de se alimentar mudou. A intensa industrialização alterou hábitos alimentares, disponibilizando nas prateleiras dos mercados (novidade que consistia na junção de estabelecimentos como o armazém e a feira), itens como extrato de tomate, latas

---

<sup>6</sup> FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes; *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada*. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 31.

contendo ervilha, palmito, milho e pêssego industrializados, produtos embutidos como presunto e linguiça para serem comidos com pão de forma, e quem sabe, acompanhado por uma coca-cola, refrigerante produzido nos Estados Unidos que chega ao país munido de uma forte campanha publicitária.

Além disso, a popularização de produtos de higiene pessoal, como desodorantes, perfumes, loções, pastas de dentes, cremes corporais e absorventes femininos também modificaram a relação da população com o cuidado do corpo, que agora passa a ter produtos tornados imprescindíveis para a limpeza pessoal.

A intensidade da industrialização inseriu aqui o processo de produção em massa, o que barateou o mercado de roupas e modificou a maneira de se vestir da população, tirando-lhe características excessivamente formais e incorporando peças casuais, como os shorts e as calças *jeans*. Entretanto, a mudança no vestuário mais significativa foi o enfraquecimento, ainda que discreto, dos padrões de gênero nas vestimentas, visto que no período alguns homens começam a usar bolsas e as mulheres incorporam peças de roupas até então consideradas como tipicamente masculinas, como a calça comprida, a camiseta, o tênis e até mesmo o paletó. As saias do maiô, e também o próprio, começam a desaparecer das praias, sendo aos poucos substituídas por trajes de banho em duas peças, ou biquínis. Ao mesmo tempo, as saias longas são trocadas aos poucos pelas minisaias, que se popularizaram completamente durante os anos 1960.<sup>7</sup>

Nesse sentido, houve também na segunda metade dos anos 1950, um discreto processo de emancipação feminina. Mulheres começaram a trabalhar fora de casa, a frequentar bares e discotecas, a beber em público e fumar, sem necessariamente serem mal vistas por isso, desde que preservassem sua virgindade. Esse movimento de saída das mulheres para espaços públicos de sociabilidade, muda o ambiente onde futuros casais se conhecem, tirando-o de lugares mais restritos, tutelados pela família, e trazendo-o para lugares livres para todos, como festinhas locais, bares e lanchonetes, onde a decisão de um beijo ou um relacionamento não envolve a família de nenhuma das duas partes.

No entanto, mesmo mudados alguns padrões de gênero, a historiadora Carla Bassanezi afirma que as distinções entre os papéis sociais do homem e da mulher

---

<sup>7</sup> MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna” in: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil*; 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;

continuaram evidentes, visto que, mesmo com um pouco mais de liberdade, ainda haviam normas sociais que esperavam das mulheres o cumprimento do dever da maternidade e cuidado do lar após o casamento.<sup>8</sup> Além disso, as mulheres que queriam se casar, deveriam se prevenir para não serem vistas como levianas, mas como moças de família na sociedade. As mulheres eram, diferentemente dos homens, aconselhadas a manterem-se virgens até o casamento, mesmo que frequentando novos lugares de sociabilidade.

Havia também forte preocupação em manter as moças no caminho correto, afastando-as de más influências que poderiam ser responsáveis por levá-las ao erro. Nesse sentido, Carla Bassanezi afirma que os mais conservadores chegavam a criticar o cinema norte-americano, responsável por trazer para o Brasil “hábitos condenáveis para uma mulher”,<sup>9</sup> afirmação que evidencia que os relacionamentos e costumes estavam mudando e ao passo que se consolidavam disputas sobre questões morais vigentes, começam a ganhar força estilos de vida que estavam, de certa maneira, de acordo com um padrão que era visto no cinema de *Hollywood*, com beijos na boca e passeios de mãos dadas, imprimindo um maior “calor” as relações afetivas no período, para preocupação dos mais conservadores.<sup>10</sup>

Todas essas transformações na sociedade brasileira durante os anos 1950 estavam fortemente associadas a um ideal de progresso espelhado na apropriação de padrões de consumo de países tidos como superiores, os do primeiro mundo, uma das maiores formas de transmissão do valor do progresso durante a história do Brasil<sup>11</sup>.

No começo da Primeira República, o Rio de Janeiro e outras capitais da América Latina reformularam seus planejamentos urbanísticos através de grandes reformas inspiradas na arquitetura de metrópoles europeias, bem como seu estilo de vida e modos de sociabilidade. Nos anos 1950, o modelo ideal a ser copiado passa a ser o *american way of life*, que se expande pela sociedade brasileira, em parte, através da força do cinema, colaborado para a alteração dos padrões de

---

<sup>8</sup> BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados” in: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 609

<sup>9</sup> Ibid. p. 610

<sup>10</sup> MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna” in: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil*; 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 611

<sup>11</sup> Ibid., p. 604.

comportamento e consumo das classes médias provenientes das grandes cidades brasileiras.

No período, era possível constatar que as crianças brincavam e viam filmes de *cow-boy*, tomavam *milk-shakes* e brincavam com miniaturas de carros. Os jovens saíam às lanchonetes e bares para encontrar um par como nos filmes de *Hollywood*, bebiam cerveja em lata, fumavam cigarro com filtro e, quando precisavam comprar algo, já não iam aos mesmos lugares que costumavam ir uma década mais cedo. Portanto, a expansão da cultura estadunidense nos anos 1950 foi um feito de grande sucesso, visto que por todo o mundo popularizaram-se suas formas de consumo, seus hábitos, costumes e modelos artísticos, sendo um dos fatores responsáveis pela grande mudança da vida cotidiana em nossas capitais.

No entanto, considerando os esforços institucionais para tal, pode-se afirmar que a apropriação da cultura estadunidense na América Latina não esteve isenta de promoções institucionais, visto que durante o governo de Roosevelt, foi criado nos Estados Unidos um escritório que seria responsável pela promoção da cooperação interamericana e a solidariedade hemisférica. No entanto, segundo o pesquisador Gerson Moura, o escritório tinha como real objetivo enfrentar o desafio do Eixo no plano internacional e consolidar os Estados Unidos como uma grande potência na América Latina e no mundo. Havia, portanto, um interesse movido pelos perigos apresentados pela Segunda Guerra Mundial à hegemonia norte americana.<sup>12</sup>

Com muitos recursos financeiros, a atuação do escritório era baseada em quatro divisões: comunicações, saúde, financeira e relações culturais, onde se produzia ou se orientava a produção de material cultural que circularia nos países latino-americanos. O cinema, por exemplo, foi utilizado pelos Estados Unidos como ferramenta de expansão cultural por causa de sua alta capacidade de penetração cultural nas pessoas que o assistem. Nesse sentido, Gerson Moura afirma que foram estabelecidas relações com os estúdios de *Hollywood*, o que permitiu que órgãos do governo atuassem alterando roteiros e adaptando-os para o que deveria ser visto nos países latino americanos, cortando cenas que pudessem gerar algum mal-entendido, sugerindo temas para serem abordados nos filmes e financiando a vinda de astros do cinema norte americano para a América Latina.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>13</sup> Ibid.

Portanto, o cinema de *Hollywood* foi intensamente utilizado como ferramenta de propagação da cultura norte-americana, favorecendo a mudança de hábitos na sociedade brasileira, que transformava seus costumes ao mesmo tempo que lotava os cinemas para assistir aos filmes que retratavam com clareza o chamado *american way of life*, difundido de maneira acelerada nos centros urbanos brasileiros como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

A cidade do Rio de Janeiro, por sua vez, manteve intensa relação com os cinemas, que começaram a aparecer em suas ruas já nos primeiros anos do século XX, mas se popularizaram nas diversas regiões da Capital Federal a partir dos anos 1940, quando o hábito de ir ao cinema se espalha pela cidade, incluindo os subúrbios, o que amplia de maneira significativa o público, permitindo o acesso das mais variadas classes sociais em uma quantidade maior de bairros pela cidade.

O lugar mais vislumbrado para assistir aos filmes era, sem dúvidas, a região do entorno da atual Praça Marechal Floriano, no centro do Rio. O lugar contava com mais de quinze salas de cinema, dentre elas o Cine Império, Metro e Odeon, aberto até os dias de hoje. Quando pensado, havia a pretensão de que o lugar se transformasse em uma espécie de *Broadway* tropical, com diversos cinemas que podiam, cada um, abrigar milhares de pessoas. Por conta de sua história, o lugar é conhecido até hoje em dia como “Cinelândia”.

Além disso, diversas salas de cinema estavam localizadas no entorno da Praça Saens Peña, a mais importante da Tijuca, que foi transformada nos anos 1940 e 1950 em um polo para cinéfilos em um grande bairro da Zona Norte do Rio. O local também abrigava um dos maiores cinemas da América Latina, o Cine Teatro Olinda, com capacidade para até 3,5 mil espectadores. Além do polo tijucano, o subúrbio da cidade também contava com outro importante cinema aberto em 1954, o Imperator, que além dos filmes, servia como ponto de encontro para grupos de jovens que estacionavam suas lambretas e se reuniam na porta do cinema, ou em sua galeria de entrada. Cinema e diversão noturna se conectavam em distintas áreas do Rio de Janeiro.

Na zona sul, já afirmada nos anos 1950 como a mais aristocrática da cidade, os cinemas também se popularizaram e passaram a dividir espaço no cotidiano dos jovens abastados junto às praias, bares, boates, lanchonetes e os passeios noturnos de carro ou lambreta. Eles foram abertos nas mais variadas localizações, como no Catete onde funcionava o Cine Azteca e o São Luiz. No Flamengo, com o Cine

Paissandu. Em Ipanema com o Cine Pax, ou mesmo em Copacabana, a parte mais efervescente da Zona Sul, com diversos cinemas. Dentre eles, o Cine Rian, localizado na Avenida Atlântica, de frente para o mar.

Logo, é evidente que na primeira metade do século XX, o hábito de ir ao cinema fez parte da vida cotidiana da população do Rio de Janeiro de maneira geral, visto que haviam salas capazes de comportar um grande número de pessoas em muitas regiões da cidade, portanto, pode-se imaginar o poder de ação do cinema em uma sociedade tão ligada à ao mesmo.

Nesse sentido, hábitos foram mudados aos poucos, e a sociedade conseguia enxergar de maneira mais clara nas ruas o que via nas telas de cinema. Tudo isso foi aproveitado pela imprensa. Pinheiro Junior, repórter do *Última Hora*, afirmou em seu livro de memórias que Samuel Wainer (editor-chefe deste jornal) gostava de publicar temas inspirados nos filmes em cartaz nos cinemas que, segundo ele, preparavam a cabeça da população para a abordagem do jornalista, gerando curiosidade e envolvendo o leitor de maneira mais significativa na leitura das reportagens<sup>14</sup>. Foi o que aconteceu na segunda metade da década de 1950.

Após a estreia de uma sequência de filmes abordando a questão da delinquência juvenil, como *O selvagem* (1953), *Sementes da violência* (1956) e *Juventude Transviada* (1956), jovens e adultos foram atraídos para os cinemas para assistirem a filmes que serviriam de base para a criação de um imaginário sobre uma juventude transgressora. Segundo a historiadora Lídia dos Santos, os filmes sustentavam novas práticas juvenis, construindo um imaginário do transvio, juntando ícones, símbolos e signos que constituem a expressão visual do jovem transviado<sup>15</sup>.

Quando estreia o filme estrelado por James Dean, o último da sequência de filmes sobre delinquência juvenil na década de 1950, um sucesso muito grande gera debates em torno do longa. *Juventude Transviada* ocupa onze cinemas do Rio de Janeiro e conta com intensa campanha publicitária nos jornais, que apontavam o filme como “impressionantemente violento, chocantemente real e expressivamente

---

<sup>14</sup> JUNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, p. 76.

<sup>15</sup> SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. *A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)*. 2013. 232 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

humano”, com destaques para a atuação de James Dean, como é possível evidenciar na imagem abaixo.



Imagem 1: Publicidade na *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 01/10/1956. p. 4.

Desde antes de sua estreia, o filme já repercutiu de maneira significativa, principalmente por causa de seu protagonista, James Dean, ator em ascensão que morreu em um acidente de carro após as gravações. Dean era associado ao seu personagem, ambos tidos como delinquentes sensíveis e jovens inconsequentes.

A partir do sucesso do filme, vários jornais e revistas da capital se voltaram para o problema da juventude na cidade do Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil, fazendo nascer a partir de então, o imaginário urbano de uma juventude transviada tropical que passaria a ser reconhecida assim pelos olhares conservadores da classe média, que conheceu os hábitos de jovens frequentadores da Zona Sul através das matérias publicadas na imprensa, agora muito mais preocupadas em abordar questões relacionadas ao mundo jovem.

O filme de James Dean foi recebido no Brasil de maneira diversa pelas críticas publicadas nos jornais. Havia comentários positivos e negativos sobre os atores, diretores e enredo do filme. O único ponto incontestável, era que a obra já se constituía como um sucesso de bilheteria, tendo lotado salas de diversos cinemas da cidade, como aconteceu em tantas outras metrópoles do mundo. De maneira geral, as críticas se referem aos jovens retratados pelo filme de maneira pejorativa, classificando-os como “quase delinquentes”, afirmando tratarem-se de jovens que estariam em uma busca pela sua condição humana, relacionando a questão com os problemas familiares enfrentados pelos próprios. As análises do filme logo após sua

estreia já sustentavam a hipótese de que jovens sem o devido apoio moral dentro de casa<sup>16</sup>, largados no mundo e criados por pais ausentes, estavam propensos a cair no mundo da delinquência e da criminalidade.

Na semana de estreia do filme, um crítico traçou um paralelo entre os jovens da trama e os jovens da época. Ele afirmava:

*“vocês encontrarão os tipos marcantes da juventude atual, uma juventude sem rumo, sem rumo praticamente porque teima em partir do nada e quer alcançar o impossível.”*<sup>17</sup>

O filme, portanto, era visto no Brasil como uma metáfora da fronteira cinzenta entre, por um lado, desejo de consumo e de novidade, e, por outro lado, perdição moral e inclusive criminalidade. A repercussão da obra na sociedade já inspirava na imprensa, comentários sobre a juventude como um todo, assim como a exposição da ideia de que os pais precisam estar presentes no convívio com seus filhos, para que os mesmos não praticassem atos considerados desviantes ou marginais.

A primeira cena do filme se passa em uma delegacia. Três jovens são levados para lá por diferentes motivos, mas todas as questões envolvem alguma falta da presença das suas famílias em suas vidas pessoais. Juntos, as personagens formam uma espécie de grupo, onde bebiam e brigavam pela cidade. O enredo deixa claro o que poderia acontecer com os jovens que não recebiam atenção de suas famílias: encontrar outros iguais a eles que, formando um grupo, estariam propensos ao desvio. A imprensa e os críticos de cinema repercutiram essa análise do filme, discutindo questões relacionadas à uma juventude perdida nas páginas dos jornais

Nesse sentido, pouco tempo após a estreia do filme, o *Última Hora* designou o jovem repórter Pinheiro Junior para passar cerca de um mês entre bares e boates de Copacabana para produzir algum material sobre os costumes dos jovens que frequentavam esses lugares de sociabilidade. Segundo o próprio repórter, a ideia surge quando um funcionário do jornal que morava em cima de um bar sempre

---

<sup>16</sup> “Juventude transviada”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 02/08/1956, p. 2.

<sup>17</sup> “Grande expressão humana”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26/07/1956, p. 10.

repleto de jovens, manifesta curiosidade sobre os hábitos dos que frequentavam aqueles e outros lugares da Zona Sul carioca, relacionando-os com o filme recém estreado do ator James Dean.

A antropóloga Simone Luci Pereira, afirma que a relação inaugurada pelo *Última Hora*, entre imprensa e “juventude transviada”, está ligada à um esforço de adequar moças e rapazes a um padrão ideal de mocidade para o período. A autora constata, ainda, que é necessário repensar, ou relativizar, a noção de “juventude transviada” como foi propagada nas páginas dos jornais nos anos 1950, visto que se construíam discursos na imprensa que caracterizavam jovens como desviantes a partir de seus hábitos.

Para isso, constrói-se na imprensa carioca um padrão ideal esperado para o jovem nos anos 1950. Para contrapor ao rapaz transviado, gerava-se um debate em torno de um modelo de juventude adequada aos padrões, amplamente veiculado pela imprensa e distante do transvio, como é possível identificar no trecho retirado da Revista *Manchete*:

*“Sua juventude é sadia: não pertence à “juventude transviada”, não anda de lambreta, não dança o “rock” nem provoca distúrbios. Ao mesmo tempo em que ri, canta e aplaude, em festas e nos esportes, a rua sabe também chorar a morte de um companheiro querido, colocando faixas de luto e fechando”<sup>18</sup>*

Com a definição do jovem transviado, portanto, era aventado pela imprensa um modelo de jovem que é socialmente afastado dos hábitos dos jovens transviados, em publicações que também definiam o comportamento inadequado dos jovens afeitos ao transvio.

Portanto, as matérias jornalísticas que tem como objetivo explorar o submundo de uma “juventude transviada”, a partir do lançamento do filme de James Dean, começam a mexer com o imaginário da população carioca, classificando jovens como transviados a partir do seu jeito de se vestir, seus hábitos noturnos, suas companhias ou os lugares que frequentam. Em 1958, a revista *O Cruzeiro* alertava:

---

<sup>18</sup> “Rua da lambreta esquecida”, *Manchete*, Rio de Janeiro, 26/07/1958, p. 91.

*“Vocês, meninas e rapazes de blusa vermelha e blue jeans, tornaram essa cidade ainda mais desgraçada (...) Ali em Copacabana, na rua Raul Pompéia, nas mesinhas da calçada do Snack Bar, vocês instalaram um quartel-general, e pela noite adentro, atormentam os vizinhos com gritarias, ruídos de motonetas e escândalos. (...) Muitos e muitas de vocês, garotos e meninas de blusa rubra e calça blue jeans enganam seus pais e cabulam aulas para frequentar rodas de transviados”.*<sup>19</sup>

Portanto, construía-se, a partir de discursos veiculados nos jornais de grande circulação ou nas revistas femininas, uma ideia sobre determinadas pessoas que se adaptavam ao modelo da “juventude transviada” norte-americana. O uso de *blue jeans*, camisetas coloridas, lambretas e carros, assim como o consumo de cigarro, álcool e outras drogas, passava a caracterizar uma “juventude transviada carioca”, que quando “nasce”, já se torna alvo de críticas por parte da sociedade brasileira.

Logo, é possível afirmar que o cinema de *Hollywood* influenciou um estilo de vida na juventude dos grandes centros urbanos brasileiros que, após o lançamento do filme de James Dean, passou a ser caracterizado pela imprensa como o estilo da “juventude transviada”, que correspondia a um problema que deveria ser solucionado, pois tratavam-se de jovens de classe média, largados pelos pais e que estariam próximos do transvio. Lídia dos Santos define:

*“Ao nomearem uma determinada cultura juvenil de “transviada”, os veículos de comunicação agregavam a ela novas características, contribuindo para o seu conhecimento e difusão. Os jovens, por sua vez, reinterpretavam essas mensagens, reinventando-se.”*<sup>20</sup>

Portanto, ao identificar um tipo semelhante ao estilo dos atores do filme de James Dean nas ruas de Copacabana, o jornal *Última Hora* publica uma série de

---

<sup>19</sup> “A inexperiência e a pureza de Aída Curi levaram-na às garras de dois sádicos adolescentes”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 16/08/1958, p. 33.

<sup>20</sup> SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970). 2013. 232 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

reportagens e inaugura a expressão “juventude transviada” para se referir a determinados grupos de rapazes e moças, com um termo que se torna cada vez mais popular no vocabulário da imprensa carioca da segunda metade da década de 1950.

## “Alerta aos pais irresponsáveis”

Fundado em 12 de junho de 1951, o jornal *Última Hora* obteve grande destaque na imprensa brasileira durante o período de sua existência, chegando a ser considerado o jornal mais popular da época. Sua criação foi idealizada a partir da relação de Getúlio Vargas com o fundador do periódico, Samuel Wainer, que conheceu o presidente em uma entrevista a serviço dos *Diários Associados*. A partir disso, ambos selaram uma aliança fundamental para a criação do jornal, que durou por todo o período da vida de Getúlio.

Através da sua proximidade com o presidente do país, o *Última Hora* teve facilidades desde o momento de sua fundação, até agosto de 1954, quando Getúlio Vargas comete suicídio. Segundo a escritora Ana Maria de Abreu Laurenza, o *Última Hora* foi o segundo jornal que mais construiu relações financeiras com o governo, perdendo apenas para o império midiático construído por Assis Chateaubriand.<sup>21</sup>

Portanto, o *Última Hora* nasceu como um jornal politicamente alinhado à Getúlio Vargas e ao PTB e, da mesma forma que o presidente, tinha pretensões de atingir as “massas” em suas tiragens diárias. Para isso, Wainer se propôs a construção de um jornal inovador que fosse mais atrativo para a população, apresentando um tipo de diagramação e formato nunca visto antes pela população brasileira.

Com isso, a fórmula jornalística apresentada pelo *Última Hora* traz algumas inovações, como uma nova relação com o repórter que, pelo argumento do jornal, seria mais valorizado. Sua diagramação também contava com novidades, valorizando o uso de imagens para chamar atenção do leitor, e fazendo extenso uso da técnica do “foto-jornalismo”. Segundo a pesquisadora Silvana Louzada, o primeiro exemplar do *Última Hora*, publicado em junho de 1951 já dizia gráfica e fotograficamente suas pretensões.

---

<sup>21</sup> MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 183.

“Em oito colunas e letras garrafais, anuncia uma “Nova Tragédia” e completa em tempos sucessivamente menores “a qualquer momento desmorona a central”. Uma fotografia representando a Estrada de Ferro Central do Brasil mostra uma locomotiva que se funde a um trem apinhado de passageiros dependurados do lado de fora, uns sobre os outros, tentando se agarrar ao vagão, e é ainda mais eloquente que a manchete”<sup>22</sup>

Com a informação da manchete “gritada” de forma sensacionalista, a nova diagramação apresentada pelo *Última Hora* chamava facilmente a atenção do leitor para o jornal, onde a imagem era, segundo a pesquisadora, mais eloquente do que a própria chamada, gerando um tipo de diagramação que atraia o interesse do leitor para o fato noticiado. De maneira geral, as capas do *Última Hora* buscavam traduzir a mensagem noticiada através das imagens.

Desse modo, Louzada aponta, a partir das questões analisadas na capa de estreia do jornal, três características mais marcantes do *Última Hora*: o apelo visual através das imagens, a exploração do sensacional através da linguagem e a inclusão de temáticas cotidianas e populares, que podem ser evidenciadas na imagem abaixo:



Imagem 2: Capa da *Última Hora*. Rio de Janeiro. 12/06/1951

<sup>22</sup> LOUZADA, Silvana. Prata da casa: fotógrafos e fotografia no Rio de Janeiro (1950 - 1960). Niterói: Editora da UFF, 2013. p. 141.

Portanto, é possível supor que a partir das características centrais do jornal também foram pensadas as reportagens que são analisadas neste texto. Em 1957, o jornal *Última Hora* publica um grupo de reportagens investigando o cotidiano de grupos de jovens que costumavam frequentar as ruas e bares do bairro de Copacabana, denunciando seus maus hábitos aos pais ausentes que não sabiam o que seus filhos faziam nas ruas. As reportagens foram publicadas diariamente por cerca de um mês e traziam relatos detalhados e repletos de imagens, abordando o consumo de álcool e drogas da juventude, bem como a descrição do que chamavam de “curras”, estupros coletivos cometidos por jovens da zona sul carioca.

O repórter designado para a tarefa, Pinheiro Júnior, descreve em seu livro de memórias como a reportagem foi pensada:

*“Aconteceu que a inocência maldosa de Alderaban voltou a atacar em fevereiro deste decisivo 1957. Ele morava no Posto Seis, Copacabana. Ia de madrugada para casa e via coisas que mexiam com seu imaginário jornalístico.*

- *Olha - contou para Josimar -, todo fim de noite uma turma de lambreta e motocicleta se reúne ali na Raul Pompeia, passa pelo Bar Bico, depois vai pro Copa Golfe. E dali ninguém sabe pra onde mais.*
- *E daí?*
- *Me contaram que eles tomam porres de arromba. Fumam maconha. Cheiram lança-perfume. Tomam dexamil. Pegam as meninazinhas à força. Depois elas aparecem chorando abandonadas na Avenida Niemeyer. De vez em quando acontece um desastre com eles. Já houve até mortes. Você não viu aquele filme, Juventude Transviada, do James Dean que está passando por aí?*
- *Ainda não.*
- *Pois é. A nossa juventude transviada deve ser muito mais interessante. Isto é: muito mais transviada. Se os desencontros da moçada americana deram um filme tão falado, por que as loucuras dos nossos transviados não dariam também uma reportagem de repercussão? ”*

*(...) O tema era bom e instigante. Quem não gostaria de ler relatos sobre o que essa rapaziada fazia longe das vistas controladoras da sociedade? Que família naqueles tempos não se sentiria mais tranquila se fosse alertada concretamente para providências capazes de resguardar seus meninos longe da fronteira da delinquência?*

*Samuel continuava desesperado em busca de um gatilho para recuperar a tiragem perdida do jornal. Quando ouviu de Josimar a sugestão dada por Alderaban, não teve dúvidas:*

*- É, vamos botar um repórter nesta investigação.”<sup>23</sup>*

A partir disso, o repórter Pinheiro Júnior foi selecionado para a confecção da reportagem. O motivo de sua escolha, segundo o próprio, foi a juventude que era ponto em comum entre ele e os “transviados”. Em fevereiro de 1957, o jornalista tinha apenas 22 anos, e compartilhava os modos de se vestir e formas de se comunicar dos jovens que seriam investigados pelo jornal. Com hospedagens em um hotel de Ipanema e dinheiro suficiente para gastar nos bares de Copacabana, a redação do *Última Hora* financiou a estadia do jornalista que, por cerca de um mês, trabalhou para adquirir o máximo de informações possível dos hábitos cotidianos dos jovens de classe média que frequentavam as ruas, bares e boates da zona sul do Rio de Janeiro.

Além disso, o jornalista tinha à sua disposição um fotógrafo, que foi o responsável por registrar as imagens relacionadas à “juventude transviada”, publicadas no decorrer das matérias. Segundo Pinheiro Júnior,<sup>24</sup> a atuação do fotógrafo durante a reportagem era feita de maneira cuidadosa, para que a sua presença não revelasse a condição de jornalista do próprio. Para isso, muitas vezes o repórter ia sozinho aos bares para fazer a investigação e, posteriormente, indicava para o fotógrafo os lugares em que deveria efetuar os registros para serem publicados. No caso das investigações referentes às “curras”, Pinheiro Júnior afirmou que a equipe do *Última Hora* retornava aos locais onde ocorreram os

---

<sup>23</sup> JUNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, p. 76-77.

<sup>24</sup> Ver Anexo II

estupros para fazer uma espécie de “reconstituição” do crime, garantindo lucrativos registros fotográficos para serem publicados nas edições seguintes do jornal.

Após a conclusão da investigação, Pinheiro Junior levou os relatos para o jornal e, a partir daí, entendeu que o material era apropriado para as pretensões de Samuel Wainer. A partir disso, o jornal passou a publicar as reportagens sobre a “juventude transviada”, provocando exigências de investigação e, ao mesmo tempo, protegendo os nomes dos jovens envolvidos na questão, seja como delatores ou como infratores.

Portanto, com a publicação das reportagens, o jornal colaborou com a construção de uma concepção difusa sobre uma “juventude transviada”. Visto que não havia uma definição precisa para o grupo de jovens descrito nas matérias publicadas, essa concepção era socialmente informada e reordenada de acordo com preceitos morais da sociedade.

Com isso, a reportagem se lança em um meio distinto e desconhecido para trazer uma “definição” sobre os desvios de uma juventude. Nessa “definição” foram englobados diversos tipos de jovens de acordo com seus hábitos. Para o *Última Hora*, eram transviados os jovens que consumiam álcool, usavam drogas ilícitas, as prostitutas, os michês, os homossexuais, os estupradores. Em suma: todos os jovens que estivessem cometendo alguma transgressão, fosse ela de ordem legal ou apenas de ordem moral.



Imagem 4: Jovem bebendo. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 21/03/57, p. 3.

A foto destacada acima foi publicada no topo da página de uma reportagem sobre vícios na juventude. Em sua descrição, o jornalista afirma que a figura é

coberta pela expressão sinistra de um jovem transviado, um ser desfigurado por “sombrias perversões” que eram reveladas pelo jornal durante a sequência de matérias.

No entanto, tudo que era descrito nas matérias pelo jornal já ocorria há muitos anos na cidade do Rio de Janeiro. Jovens bebendo e usando drogas, a homossexualidade, os estupros e a relação com homens mais velhos em troca de dinheiro não se tratava de uma novidade dos anos 1950 no Brasil. Com elas, o jornal colaborava com a atribuição de um “sentido social”, identificando na sociedade carioca uma “juventude transviada” a partir da ideia difusa descrita pelo *Última Hora* nas matérias publicadas. Como afirma o historiador Dominique Kalifa, eventos como o da publicação da série de reportagens do jornalista Pinheiro Junior, colaboram para a construção de um imaginário social do submundo, dando coerência a fenômenos completamente distintos como, por exemplo, o uso de drogas ilícitas e a homossexualidade. Para o historiador, diversas atividades da sociedade são associadas em uma narrativa sobre o “submundo” em questão.<sup>25</sup>

Durante sua investigação, o jornalista se lançava sobre três problemas centrais que estariam relacionados à juventude: o abuso de álcool, o consumo de drogas e as chamadas “perversões sexuais”. As reportagens trouxeram informações completas sobre onde e como os jovens compravam e consumiam álcool e drogas, bem como descreviam com detalhes cenas de estupro coletivo que o repórter presenciou, ou relatos investigativos que faziam relação entre homossexualidade, prostituição e criminalidade.

Na matéria intitulada “Maconha, inferno do vício e da perversão sexual dos menores”, o jornal publicava a primeira reportagem inteiramente dedicada à questão da maconha, onde Pinheiro Júnior expunha todo o seu processo em busca da aquisição da droga, bem como descrevia as sensações após o uso e as características de um usuário de maconha.

---

<sup>25</sup> KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. São Paulo, EDUSP: 2017,



Imagem 4: Jovem fumando maconha. *Última Hora*. 13/03/1957, p. 3.



Imagem 5: Jovem fumando maconha. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 20/03/57, p. 3.

Na primeira imagem destacada, o jornal faz uso da fotografia para mostrar um jovem fumando maconha. É possível identificar o mesmo estilo de se vestir descrito pelo jornalista na sequência de matérias, fazendo da fotografia um mecanismo para associar os supostos “transviados” ao uso de drogas. Na imagem seguinte, parte de uma reportagem sobre os limites do vício, o fotógrafo representa um jovem sem camisa, em aparência degradante, fazendo uso da maconha.

Em sua narrativa, Pinheiro Junior descrevia como um jovem “transviado” com quem fez amizade lhe deu o caminho: deveria ir ao banheiro de um bar na Praça General Osório e comprar com o traficante que estaria lá. Após isso, o repórter narrava o momento em que fumou a maconha que havia comprado, bem como suas sensações. Sobre seus motivos para comprar e consumir a droga, Pinheiro Junior afirmava:

*“Conto hoje a minha primeira experiência de maconha. Primeira e última. Eu queria conhecer, por mim mesmo, o mistério da tremenda fascinação que o tóxico exerce sobre tantos transviados. Mas fiquei, como já disse, nessa vez única: Pergunto a mim mesmo o que teria acontecido se eu tivesse continuado. O trágico no problema dos tóxicos e entorpecentes é o desgaste que causa no ser. Os jovens viciados, que conheci, eram de dois tipos: - ou “gangsters” do sexo, que tendem fatalmente para a “curra”, ou, então, rapazes que sofrem um desvio tão grande do impulso sexual, que acabam perdendo a condição masculina. Em ambas as hipóteses sofrem deformações monstruosas. Falar na tragédia dos tóxicos e entorpecentes sem tocar no problema consequente do homossexualismo seria falsificar pungentíssima realidade, pois uma coisa está vinculada a outra. Conheci adolescentes inumeráveis que começaram nos tóxicos e entorpecentes e terminaram na negação da própria virilidade. Imagino a dramática perplexidade de certos pais e certas mães.”<sup>26</sup>*

Portanto, o jornalista traça uma relação explícita entre o uso de drogas e o que ele chama de “perversões sexuais”, representadas pela prática de estupro e a homossexualidade, que recebe notório destaque na matéria citada, criando relação entre a “perda da virilidade” e o uso de tóxicos e entorpecentes.

No entanto, a maior parte das reportagens dá ênfase significativa à prática das “curras”. O jornalista buscava, através de conversas nos bares, compreender como eram organizadas, identificar seus códigos, linguagens e funções de cada

---

<sup>26</sup> “Maconha: inferno do vício e da perversão sexual dos menores”, *Última Hora*. Rio de Janeiro. 21/03/1957, p. 3.

integrante da gangue, até presenciar uma cena de estupro coletivo junto a um grupo de jovens.



Imagem 6: Jovens em um carro. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 14/03/1957, p. 3.

Na imagem destacada, o jornalista evidencia peça fundamental para a execução dos estupros coletivos: o carro. Eram os automóveis que, segundo Pinheiro Junior, possibilitavam com que as jovens fossem levadas para as curras. Na fotografia, pode se destacar que o carro era de luxo e os rapazes que aparecem próximos ao veículo se enquadram no padrão descrito pelo jornal para os jovens transviados.

Segundo as matérias, os estupros eram idealizados quando um integrante da gangue se aproximava de uma moça previamente escolhida por todos, e a convidava para sair. No dia do encontro, o jovem buscava levar a menina para um passeio de carro em algum lugar deserto, como a Avenida Niemeyer ou a Estrada do Joá, onde o resto da gangue esperava para surpreender o casal, fingindo um assalto para estuprar a jovem. Sobre seu primeiro contato com a “curra” o jornalista afirmava:

*“Um simples encontro de namorados, que deveria ter um desfecho puramente idílico, é o primeiro movimento para a execução final da “curra”. Fui testemunha ocular e auditiva da trama hedionda e de sua implacável realização. Mas quando via a menina agarrada pelos “gangsters sexuais”, não tive ânimo de esperar o resto. Durante dias e noites não e saía da cabeça a cena*

*que parecia condenar não apenas os bandidos do sexo, mas toda a condição humana. Pensei no desamparo da pequena seviciada, ao chegar em casa, sob o pavoroso traumatismo. Não poderia agarrar-se ao conselho, à solidariedade, à ternura dos pais, dos irmãos e, numa palavra, da família.”<sup>27</sup>*

A partir dos trechos destacados referentes às “curras” e ao uso de drogas, é possível notar uma comum citação aos familiares dos jovens que sofrem com o que é denunciado pelo jornal. A maconha, associada à perda da virilidade, causaria grande sofrimento aos pais de um jovem que “abre mão” de sua masculinidade. Já no caso da “curra”, a jovem estuprada, segundo o jornalista, chegaria em casa sem poder contar com a solidariedade e o afeto de sua família.

A questão familiar é central durante a produção das matérias, visto que o sofrimento dos pais e dos familiares com a situação do jovem em questão é sempre considerado durante a redação dos textos. Este é um dos me leva a crer que as reportagens estavam direcionadas aos pais desses jovens, que eram tratados pelo jornal como os responsáveis pelas atitudes de seus filhos, mas também como os que mais sofreriam as consequências de suas irresponsabilidades.

Portanto, pela perspectiva do jornal, os pais eram os principais responsáveis pela situação em que se encontrava o jovem transviado, cujas atitudes espelhavam abandono paterno. Para atingir os pais desses jovens da zona sul do Rio de Janeiro, a série de matérias foi publicada com um forte teor sensacionalista, e agia em tom de “denúncia”, se dirigindo aos pais dos rapazes e moças de classe média dos arredores de Copacabana, como deixava claro a manchete publicada no dia 6 de março de 1957:

---

<sup>27</sup> “Degradação da vítima e do criminoso: todos se perdem na curra”, *Última Hora*, Rio de Janeiro, 14/03/1957, p. 3.



Imagem 7: Manchete do *Última Hora*. Rio de Janeiro. 06/03/1957, p.6.

A manchete destacada foi a primeira publicada antes da estreia da coletânea de matérias sobre a “juventude transviada”, e tinha como objetivo fazer divulgação para o grupo de reportagens que começaria a ser publicado em breve. Sem abrir mão de seu caráter sensacionalista, o texto visava sensibilizar ou preocupar de maneira direta os pais que tinham filhos jovens na Zona Sul do Rio de Janeiro. Primeiramente, a matéria trazia – em um título anterior ao principal – a informação de que “um repórter mergulha no mundo sombrio da juventude transviada”, carregando a ideia de submersão em um mundo desconhecido<sup>28</sup>, que seria apresentado pelas matérias. Logo em seguida, com grande destaque, a manchete alerta aos pais: “seu filho já chegou às fronteiras do crime”. Pela perspectiva do jornal, os pais eram os principais responsáveis pelo desvio dessa juventude, e a construção narrativa das reportagens tinha como objetivo central atingir os pais de classe média da área mais aristocrática do Rio de Janeiro.

Para isso, o jornal lançava mão do imaginário referente ao papel social que cumpririam os rapazes e as moças na sociedade. Segundo as matérias publicadas, o uso de drogas seria o responsável pelo que o repórter chama de “perversão sexual”, que pode atingir aos jovens de diferentes maneiras de acordo com o seu gênero. No caso dos homens, através da homossexualidade, ou formando grupos de estupradores intitulados “*gangsters* sexuais”.

No caso das mulheres, a falta de cuidado dos pais unida ao hábito de frequentar bares e lanchonetes desacompanhadas, poderia torná-las alvo de um estupro coletivo, as “curras” denunciadas pelo jornal.

<sup>28</sup> KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. São Paulo, EDUSP: 2017,



Imagem 8: Moça em casa; Imagem 9: Moças se divertindo. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 25/03/57, p. 3.

Uma das reportagens que foi publicada sobre as curras trouxe lado a lado as imagens destacadas. Na primeira delas, uma jovem aparece deitada em uma cama com feições tristes, ao lado de uma boneca. Na outra, destacam-se jovens não identificadas em um ambiente de diversão noturna, acompanhadas de um rapaz. As duas imagens geram, entre si, um contraste. As jovens da foto da direita, segundo a narrativa do jornal, estariam propensas a serem submetidas a um estupro coletivo por não estarem em seu ambiente familiar.

Segundo a historiadora Carla Bassanezzi, era socialmente esperado que homens e mulheres cumprissem distintos papéis na sociedade brasileira nos anos 1950. Enquanto a virilidade e a masculinidade eram esperadas dos homens, das mulheres era cobrada a preservação da virgindade até o casamento. Portanto, era com essa mentalidade que a classe-média carioca olhava para a sua juventude, e foi esse o ponto explorado pelo jornal *Última Hora* para desenvolver as reportagens e obter sucesso de vendas no período.<sup>29</sup>

O conjunto de matérias toca nas situações que os pais de classe-média mais temem que ocorram com seus filhos e filhas: se tornem homossexuais, no caso masculino, ou não tenham sua virgindade preservada até o casamento, no caso feminino. Portanto, em matérias dirigidas aos pais dos jovens investigados, com o

---

<sup>29</sup> BASSANEZZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados” in: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 609.

objetivo de gerar comoção entre os mesmos, o jornal se apropria da mentalidade conservadora das famílias de classe média e, a partir dos seus medos, desenvolve uma série de reportagens sobre o que pode acontecer com seus filhos longe da supervisão paterna.

Essa construção discursiva buscava estabelecer diálogo com os setores médios cariocas, e pode estar relacionada com a necessidade do jornal de recuperar os números perdidos de sua tiragem. Pinheiro Junior afirma em seu livro de memórias que Samuel Wainer buscava um furo jornalístico para recuperar as vendas do jornal.<sup>30</sup> Visto que esse conjunto de reportagens estava, de maneira geral, direcionado à população carioca mais abastada, essa foi a forma encontrada para um jornal frequentemente associado às classes trabalhadores conquistar esse público leitor dos setores médios e altos da Zona Sul, aumentando as suas vendas do jornal no período.

Há dois elementos que podem embasar a afirmação de que as vendas foram mais lucrativas com a publicação do conjunto de reportagens. Primeiramente, a grande repercussão das mesmas, visto que a partir da sua divulgação, outros jornais de grande circulação no Rio de Janeiro produziram matérias sobre as reportagens do *Última Hora*, bem como houve grande apelo popular por investigação policial das questões denunciadas pelo jornal. Esse apelo por investigações chegou, inclusive, a gerar declarações do então presidente da República, Juscelino Kubitschek, exigindo investigação e punição dos crimes denunciados.<sup>31</sup> Em segundo lugar, ao analisar o conjunto das reportagens, é possível perceber um certo alargamento excessivo das publicações, que depois de um tempo passavam a se repetir nos temas, trazendo informações requentadas pela redação do jornal, como por exemplo, a questão das “curras”, que foram abordadas diversas vezes de maneiras quase idênticas pelas reportagens.

Portanto, a partir dos elementos em questão, é possível concluir que a redação do jornal *Última Hora* encontrou na abordagem sensacionalista do que passava a se chamar “juventude transviada”, um possível caminho para gerar lucros

---

<sup>30</sup> JUNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, p. 77.

<sup>31</sup> “Doa a quem doer, fira a quem ferir, os escândalos da juventude transviada serão apurados até o fim” *Última Hora*, Rio de Janeiro, 21/03/1957, p. 8.

com a ampliação da venda de exemplares para um setor da sociedade mais distante do estereótipo de público leitor do jornal. A partir disso, exploram-se temas que sensibilizem esses grupos e os mobilizem em uma narrativa, mais próxima de sua realidade.

## “Prendam esses transviados”

*“Foi então que se desencadeou uma caçada às bruxas. Perseguição policial que escapou às intenções dos repórteres:*

- *Prendam esses transviados! - gritaram uns.*
- *Fechem esses bares! - exigiram outros.*
- *Cuidem melhor de seus filhos! - bradaram editoriais”*<sup>32</sup>

No dia 19 de janeiro de 1957, as matérias sobre os grupos de jovens chamados de transviados entravam no nono dia sendo publicadas ininterruptamente no tabloide anexo ao jornal *Última Hora*. A essa altura, já haviam sido discutidos o consumo excessivo de álcool, o uso drogas ilícitas, a prostituição, a homossexualidade e os estupros coletivos cometidos pelos chamados “gângsters sexuais”. Nesse dia, a matéria publicada trazia o relato de uma conversa com grupo de jovens transviados, com informações sobre suas ideias de virilidade que, segundo o jornalista, eram problemáticas por serem inspiradas na violência. No entanto, a matéria se inicia de maneira distinta de todas as outras já publicadas até então. Em um quadro separado, com destaque no canto superior esquerdo da página, o jornalista narra o encontro com uma senhora residente no aristocrático bairro da Gávea, que o procurou na redação do jornal *Última Hora*.

*“Experimentei, na manhã de ontem, uma emoção gratíssima. Estava eu, na redação, quando Zé Miguel, chefe da portaria, chama - “Pinheiro Junior! ” Vou atender e vejo-me diante de uma senhora idosa, que se apresenta como esposa de um oficial do Exército reformado, residente na Gávea. Queria conhecer o autor da reportagem sobre a “Juventude Transviada”. Chama-me de “meu filho” e de “você”. Por fim, com sua grave doçura, diz-me: - Meu filho, estou guardando suas reportagens. Tenho uma neta de*

---

<sup>32</sup> JUNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, p. 91.

*12 anos. Quero que, aos 15 anos, minha neta leia sua reportagem.”<sup>33</sup>*

Na sequência do mesmo texto, o jornalista relata uma outra manifestação referente à disseminação de sua reportagem em um grupo social provavelmente de classe-média da Zona Sul do Rio de Janeiro.

*À generosa e compreensiva simpatia de tão nobre visitante, veio juntar-se uma outra manifestação não menos comovente. A esposa de um grande pintor patricio conta-me que adquire, diariamente, três exemplares de Última Hora, que remete a três amigas que têm filhas de 12, 14 e 16 anos. Testemunhos tão expressivos dão-me a certeza de que minha reportagem encontrou, no seio da família brasileira, a receptividade necessária.”<sup>34</sup>*

Que família era essa? No primeiro relato, o jornalista Pinheiro Junior fala de seu encontro com a esposa de um Oficial do Exército residente na Gávea. Tratando-se de uma família abastada e próxima de grandes quadros militares, pode-se supor que a senhora descrita pelo jornalista vivia em meio a um grupo social conservador e de classe média alta. Tal senhora manifestou para o jornalista sua preocupação com a neta de doze, mesmo estando ela com alguns anos a menos que os jovens descritos na página do *Última Hora*, a senhora diz que guardaria a reportagem para que a neta pudesse ler aos quinze.

No segundo relato, Pinheiro Junior fala da esposa de um artista que remete diariamente um exemplar do jornal para três amigas que possuem filhas adolescentes. Além disso, o jornalista revela satisfação com o conjunto das reportagens publicadas que, segundo ele, atingem a receptividade necessária no seio da “família brasileira”.

Esses dois relatos destacados revelam indícios de que o jornal atingiu, ao menos parcialmente, seus pretensos objetivos de sensibilizar grupos sociais pertencentes aos setores médios em torno dos dramas de uma suposta juventude

---

<sup>33</sup> *Última Hora*. Rio de Janeiro. 19/03/1957, p. 3.

<sup>34</sup> *Última Hora*, Rio de Janeiro, 19/03/1957, p. 3.

transviada. Ao menos de maneira parcial, o jornal *Última Hora* consegue fazer com que parte de seus leitores se sentissem preocupados com os jovens que poderiam vir a construir algum tipo de relação com o que era publicado. Portanto, com a publicação das matérias em questão, o jornal conseguiu sensibilizar pais e mães que poderiam ter seus filhos, netos e conhecidos envolvidos nos fatos relatados pelo jornalista. Visto que, em ambos os casos das senhoras citadas, Pinheiro Junior fala de mulheres preocupadas com adolescentes próximos que poderiam vir a frequentar os lugares descritos nas matérias. Isso revela que, pelo menos de alguma maneira, havia indivíduos provenientes dos setores médios sensibilizados ou intimidados com as reportagens publicadas pelo *Última Hora*.

Tendo isso em mente é possível afirmar que os jornalistas que trabalharam na publicação das matérias em questão, conseguiram sensibilizar uma expressiva parcela da sociedade carioca nesse final da década de 1950. Com isso, pode-se pensar que o grupo de reportagens do *Última Hora* gerou diversos impactos a partir de sua publicação, bem como podem-se observar a ebulição de diversos efeitos na sociedade após a divulgação das matérias.

O jornalista Pinheiro Junior afirma em seu livro de memórias que alguns efeitos significativos foram quase imediatos: no ano de 1957 e 1958, bares foram vasculhados em toda Zona Sul, boates foram interditadas ou impedidas de receber menores de idade, bem como batidas policiais levavam pessoas presas por estarem frequentando um bar, ou uma discoteca.<sup>35</sup> Em meados de 1958, o jornal *Tribuna da Imprensa*, tradicional opositor do *Última Hora*, estampava em sua segunda página uma crítica à atuação policial nos bares da Zona Sul do Rio de Janeiro.



Imagem 10: Machete da *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro.

01/08/1958. Página 2

---

<sup>35</sup> JUNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner*. Rio de Janeiro, Mauad X: 2011. Página 91.

No corpo da matéria, o jornal afirma que as operações resultaram em um desastre decorrente dos relatos de espancamentos e prisões arbitrárias de estudantes e trabalhadores que estavam no bar no momento da batida policial.

Esses e outros efeitos, podem ser observados em diversos grupos e instituições políticas da sociedade carioca dos anos 1950. Eles podem estar na vida cotidiana daqueles que se envolveram com a reportagem pela sua proximidade geográfica ou etária com os fatos narrados, bem como nas reações de instituições como o Estado, a Polícia e a Igreja. Podem ser observados, ainda, os efeitos que foram despertados em grupos de profissionais que poderiam apresentar explicações referentes aos problemas da “juventude transviada”.

No que diz respeito aos efeitos mais imediatos das reportagens, Pinheiro Junior fala de uma grande movimentação social entre os residentes do bairro de Copacabana e dos outros bairros da Zona Sul carioca. Essa campanha contra a “juventude transviada” foi feita de maneira informal por grupos de classe-média que agiam pedindo prisões de jovens e fechamento de bares, e eram, de certa maneira, insuflados pela imprensa que encontrou na questão, uma forma de aumentar as vendas de jornais e revistas.

Além disso, o autor também fala de retaliações que sofreu por parte dos jovens denunciados nas matérias, após a publicação das mesmas.

*“O próprio repórter autor das denúncias anteriores à morte de Aída - as denúncias específicas sobre a juventude transviada - viu-se proibido de andar pelas ruas de Copacabana e Ipanema sob ameaça de agressão (ou morte) por parte de quem achou que os jornalistas cometeram exageros ou injustiças. Os jornalistas chegaram a ser alvo de um atentado a bala na Rua Raul Pompéia.”<sup>36</sup>*

A morte citada pelo autor é da jovem Aída Curi, ocorrida em meados de 1958, durante uma tentativa de estupro. As circunstâncias de seu assassinato geraram grande comoção e repercussão na imprensa carioca e reascenderam as

---

<sup>36</sup> Ibid, p.92.

reivindicações por punições para casos relacionados à juventude transviada no Rio de Janeiro.<sup>37</sup>

Segundo o relato do jornalista, houveram retaliações à sua presença nos bairros citados pela reportagem publicada. O mesmo fala na sequência, sobre um atentado a tiros que ele e o fotógrafo Estrella teriam sofrido no *Snack Bar*, em Copacabana, que foi um dos bares que teve seu cotidiano narrado pelo conjunto de matérias.

Além disso, Pinheiro Junior destaca que teve algum contato com jovens “transviados” após a publicação das reportagens. Um deles, o Carlos Imperial, conseguiria grande destaque no meio artístico alguns anos mais tarde, trabalhando com importantes artistas da música popular brasileira. Apontado como um jovem bem relacionado e responsável por levar o jornalista a uma “curra”, Imperial foi um dos principais indivíduos citados pelo jornalista. Na sua entrevista, Pinheiro Junior relata sua relação com o jovem após a publicação das matérias:

*“Então o procurador geral da república instalou uma comissão e eu encontrei com o Imperial. Nessas alturas as reportagens já estavam saindo, já estava pela décima reportagem, não sei... Ele não estava zangado comigo, pelo contrário... O nome dele eu botei C.I. de Carlos Imperial, aí eu perguntei se ele prestaria um depoimento na comissão da PGR. Então eu levei ele lá, ele prestou um depoimento que fez um sucesso, contou coisa até que eu nem sabia. Depois levei também o Paulo Silvino, sabe quem é?”*<sup>38</sup>

No relato de seu encontro posterior com Carlos Imperial, Pinheiro Junior diz que o jovem não ficou aborrecido com a publicação de tudo que havia sido contado por ele nas páginas do *Última Hora*. Pelo contrário: Imperial se mostrou solícito a depor na comissão instaurada para apurar os crimes denunciados pelo jornal. Além de Carlos Imperial, pelo menos outros dois jovens também aceitaram prestar depoimento na comissão instaurada. Eram eles: Paulo Silvino, citado pelo jornalista no trecho da entrevista destacado, e a jovem identificada como “Maria”,

---

<sup>37</sup> FRANCISCHETT, Leandra. 50 anos do assassinato de Aída Curi – o fotojornalismo fazendo escola na revista O Cruzeiro. Revista Fazendo Gênero, n. 8.

<sup>38</sup> Ver anexo II

citada diversas vezes durante a publicação das matérias como uma jovem “transviada” arrependida.

A referida comissão que colheu depoimento dos jovens apresentados pelo jornalista, foi instalada pela Procuradoria Geral da República algumas semanas após o início da divulgação das reportagens e, segundo discurso do Procurador Geral, foi instaurada por ordem do então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, com o objetivo de apurar até o fim os crimes denunciados pela redação do jornal *Última Hora*.



Imagem 11: Manchete da *Última Hora*. Rio de Janeiro, 21/03/1957, p. 3

O texto da reportagem que sucede a manchete destacada trata da instauração da comissão por parte da Procuradoria Geral da República. Segundo o Procurador Geral, a comissão teria por objetivo avaliar diretamente os crimes denunciados na imprensa sob sigilo de justiça, em nome da preservação dos nomes daqueles que fossem menores de idade.<sup>39</sup>

Em contrapartida, o procurador afirma que “nada deterá a comissão” e que a mesma “não terá dúvidas em apontar para execração pública os verdadeiros delinquentes”. Além da determinação presidencial, o procurador afirma ter recebido da União todos os recursos necessários para seguir com a investigação, que contaria com o apoio da polícia para auxiliar na investigação que deveria responsabilizar e punir os culpados pelos crimes denunciados na imprensa, mesmo que os acusados fossem integrantes de famílias de pessoas com grande prestígio social.

Esse posicionamento duro assumido pelo Procurador Geral, poderia soar à sociedade como uma providência enérgica tomada pelo Estado por duas questões centrais: primeiramente, o presidente e as instituições como a procuradoria geral e

<sup>39</sup> Segundo Pinheiro Junior, em entrevista, a grande maioria dos denunciados era menor de idade, o que gerou a proteção de seus nomes também na publicação das reportagens.

a polícia, não se mostravam inertes ao que era denunciado na imprensa, visto que rapidamente foi instaurada uma comissão para investigação do fato denunciado. Em segundo lugar, o procurador assumia o compromisso de apurar os crimes até o fim, bem como o de punir os indivíduos culpados independente de quem sejam. Tal comentário serviria de resposta ao teor das reportagens, que constantemente informava nas matérias que os jovens cometiam seus delitos por saberem que não seriam punidos.<sup>40</sup>

Além disso, na mesma reportagem, o *Última Hora* destacava certo prestígio institucional adquirido pela redação com a publicação das reportagens sobre a “juventude transviada”. Apesar da linguagem sensacionalista empregada pelo jornal, o material publicado foi chamado de “impressionante” pelo curador de menores Eudoro Magalhães, que segundo o jornal, tratou o conjunto de matérias como um relevante serviço prestado à população carioca. O jornal também forneceu testemunhas para depor na comissão. Pinheiro Junior cita o caso do depoimento de Carlos Imperial<sup>41</sup>, assim como as reportagens relataram com riqueza de detalhes os depoimentos de uma suposta jovem transviada arrependida. Durante a série publicada, foram utilizadas, inclusive, imagens de seu depoimento à Procuradoria Geral da República, como pode-se perceber na imagem destacada abaixo:



Imagem 12 – Jovem depõe a procuradores. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 23/03/57, p. 3.

---

<sup>40</sup> “A alma da “curra” é a certeza da impunidade”. *Última Hora*. Rio de Janeiro. 25/03/1957. p. 8.

<sup>41</sup> Ver Anexo II

No entanto, além da instalação de uma comissão de investigação, outros efeitos institucionais foram sentidos após a campanha de parte da imprensa contra o que se chamava “juventude transviada”. Pinheiro Junior fala sobre sugestões dadas por ele à comissão da Procuradoria Geral, como a abertura de novas delegacias em Copacabana e na Barra da Tijuca. Segundo o jornalista, a criação desses novos distritos policiais foi incorporada ao plano de ação do governo como uma das providências contra as recentes denúncias de delinquência juvenil, como afirmou o jornalista:

*“Em suma, eu não sei o que a comissão concluiu, mas algumas sugestões que eu fiz, eles atenderam. Por exemplo: eu propus que tivesse mais um distrito policial em Copacabana. Porque tinha a décima delegacia em Botafogo, depois tinha a décima primeira que eu não me lembro onde era. A décima segunda era na Hilário de Gouveia. Aí eu falei “Bota mais uma, pô, tá muito longe uma delegacia da outra, não dá conta”. Aí eles criaram a décima terceira delegacia que existe até hoje, e criaram a delegacia da Barra da Tijuca. Foi proposta minha, que eu falei: como pode um lugar grande daquele como a Barra da Tijuca, onde acontecem coisas como aconteceu o crime do lambretista que eu te contei.... Aí eles criaram também a décima sexta delegacia. Tudo isso foi consequência das reportagens.”<sup>42</sup>*

Os jornais da época mostram que, de fato, foi criado um distrito policial na Barra da Tijuca na segunda metade dos anos 1950, porém, cerca de quatro meses antes do início da publicação das matérias pelo *Última Hora*, em dezembro de 1956. Todavia, é necessário considerar que a instalação de novos postos policiais em Copacabana e na Barra da Tijuca no mesmo período do início da publicação da série de matérias, foi narrada por esses periódicos como uma estratégia fundamental para a repressão aos delitos cometidos pelos jovens “transviados” nas zonas sul e oeste do Rio de Janeiro.

---

<sup>42</sup> Ibid.

Em publicação feita no mês de dezembro de 1957<sup>43</sup>, *O Jornal* comemorava o aniversário de um ano do posto policial da Barra da Tijuca, localizado na antiga Avenida Sernambetiba. Dentre a área atendida pelo posto da Barra, estava a região de São Conrado, local no qual, segundo o jornalista Pinheiro Junior, ocorria a maior parte dos estupros coletivos, as famosas “curras” da Avenida Niemeyer. A própria reportagem mencionava que os agentes baseados nesse posto policial atuaram na coerção à malandragem que ficava na “Toca do Julião”, um dos lugares onde esteve o jornalista Pinheiro Junior durante o período que investigou os crimes da “juventude transviada”.

Portanto, além da mobilização do alto escalão da República, visto que deram declarações sobre o caso o presidente e o procurador geral, é possível também destacar uma considerável mobilização de grupos de policiais que atuavam nas áreas que foram citadas nas matérias do *Última Hora*, como efeitos da publicação das reportagens.

Além disso, também se pode citar como efeito institucional, gerado dentro do poder público a retomada da questão da redução da maioria penal. Ao reproduzir o voto de um magistrado no ano de 1958, o jornal *Tribuna da Imprensa* destacou:

*“O ministro Luiz Gallotti foi relator do recurso, Diz ele em seu voto: Os excessos da chamada juventude transviada vem alarmando ultimamente o país, a ponto de aconselharem o reexame do problema do início da responsabilidade penal aos 18 anos, a ver se não deverá ser reduzida esta idade limite.”*<sup>44</sup>

Mesmo que na data da publicação da reportagem destacada já houvesse passado mais de um ano do início da publicação das reportagens do *Última Hora*, a fala do ministro sobre a possibilidade de responsabilizar penalmente jovens menores de 18 anos foi uma demanda reacendida pela cobertura da imprensa ao que se referia como “juventude transviada”, bem como aos setores da sociedade que pediam punição aos seus crimes.

---

<sup>43</sup> “Posto policial da Barra: setor avançado do DFSP”. *O Jornal*. Rio de Janeiro. 14/12/1957. Capa.

<sup>44</sup> “Grito de alarma contra a juventude transviada”, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 24/07/1958, p. 2.

Uma outra instituição a se destacar no debate sobre os desvios de uma juventude foi a Igreja. Após o início da reportagem sobre a “juventude transviada”, tornaram-se menos incomuns na imprensa, artigos e entrevistas de padres e religiosos abordando o problema que estaria em torno dos jovens. No dia 26 de março de 1957, ainda durante a publicação da série de matérias, o *Última Hora* publicou uma reportagem<sup>45</sup> contendo depoimentos de diversos padres sobre as denúncias feitas no jornal. Dentre as declarações dos religiosos, destacam-se questões morais nos delitos da juventude, parabeniza-se o *Última Hora* pelas denúncias, bem como são traçados planos para a recuperação dos jovens nas situações descritas pelo jornal.

Tendo tudo isso em mente, é possível destacar que as reportagens publicadas em março de 1957 pelo jornal *Última Hora* tiveram forte impacto na sociedade carioca, a ponto de mobilizar em torno das questões denunciadas nas reportagens, políticos, policiais, religiosos, educadores e psicólogos para dar respostas, punições e soluções para os fatos relatados em publicações do jornal. As implicações do conjunto de reportagens começaram a acontecer imediatamente após a publicação de seus primeiros números, mas se estenderam por alguns meses após o término da publicação das reportagens.

O jornal *Última Hora*, com sua série de matérias, reforçou estereótipos acerca de um tipo de juventude cujos traços já existiam desde o lançamento do filme de James Dean, e acabou por se tornar um problema recorrente na imprensa da segunda metade dos anos 1950, bem como de todo o resto dos anos 1960.

---

<sup>45</sup> “Ninguém pode silenciar diante das espantosas revelações de Última Hora”, *Última Hora*, Rio de Janeiro, 26/03/1957, p. 7.

## Conclusão

O uso da expressão “juventude transviada”, evidentemente marcou a segunda metade do século passado. Apesar de pouco utilizada hoje em dia, ela permanece latente na memória daqueles que viveram no Rio de Janeiro desse período em que a expressão permaneceu popular. Entretanto, apesar de se referir a jovens brancos e de classe média quando foi criada, o uso da expressão foi ampliado em sua abrangência nas décadas seguintes, servindo a partir da década de 1970, para designar diversos casos de delinquência juvenil que envolviam meninos negros provenientes das periferias da cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, durante a segunda metade da década de 1950 a exploração jornalística da “juventude transviada” se deu em grande parte através de um sensacionalismo explícito e quase sempre lucrativo para os veículos de comunicação. No caso da série de reportagens do *Última Hora* que foi analisada neste trabalho, o sensacionalismo dos relatos estava evidente na abordagem incisiva em temas relacionados à sexualidade, estupros, consumo de álcool e drogas ilícitas, em um conjunto de depoimentos obtidos através da “descida ao inferno” por parte do jornalista, que cumpria o papel de revelar, através das páginas do jornal, o submundo da juventude carioca no bairro de Copacabana.

No caso do conjunto de relatos redigidos por Pinheiro Junior, a juventude e seus lugares de sociabilidade foram escolhidos como objeto e, com base em uma expressão proveniente de um filme de *Hollywood*, colaborou com o processo para designar e identificar jovens que cometem eventuais crimes, delitos ou atitudes reprováveis. Entretanto, deve-se considerar que a reportagem não traz novidades em relação aos hábitos de uma juventude. Estupros, roubos, uso de drogas e homossexualidade não foram criados no ano de 1957, mas sempre existiram na sociedade contemporânea.

Há, no entanto, um ponto fundamental para gerar a comoção que gerou a reportagem de Pinheiro Junior: ela tratava de jovens brancos, ricos e moradores de um dos bairros mais aristocráticos do Brasil. Ao afirmar “Seu filho pode estar nas fronteiras do crime” o jornal *Última Hora* mostrava à sociedade e aos pais dos jovens os reais hábitos da mocidade que costumava frequentar os bares de

Copacabana. Portanto, o que gera a comoção em torno das denúncias é o fato de que não se esperava que jovens brancos e provenientes de “boas famílias”, fizessem o que era denunciado pelo repórter, aumentando a repercussão das matérias, principalmente no círculo social mais próximo das reportagens em questão.

Entretanto, como visto no presente trabalho, o uso de narrativas escritas, sejam elas literárias ou jornalísticas, para investigar um submundo da delinquência, não era novidade do Rio de Janeiro dos anos 1950. A ideia de um imaginário do submundo esteve muito popular na Europa a partir do século XIX, como afirma o historiador Dominique Kalifa em seu livro sobre imaginários sociais e urbanos referentes às “espeluncas” francesas, os *bas-fonds*<sup>46</sup>.

Nem ao menos quando se trata da cidade do Rio de Janeiro pode-se afirmar que não havia, antes de 1957, um imaginário social sobre um submundo da noite carioca. Nas primeiras décadas do século XX, a região central do Rio de Janeiro foi marcada por relatos relacionados à criminalidade, à sexualidade ou ao vício. A região da Lapa foi, durante muitos anos, o principal ponto de sociabilidade noturna da cidade do Rio de Janeiro e, por isso, sempre carregou estigmas relacionados à prostituição, homossexualidade, uso de drogas e a malandragem.<sup>47</sup>

No entanto, com a expansão geográfica provocada pelo desenvolvimento urbano da cidade Rio de Janeiro, a Zona Sul passou aos poucos a ser ocupada por famílias abastadas. Ao passar dos anos, o bairro de Copacabana se desenvolveu, recebendo hotéis e cassinos de luxo e grandes prédios residenciais. Com isso, criaram-se bares, restaurantes, boates e zonas de prostituição que acompanhavam o desenvolvimento daquela região da cidade. Entre os anos 1940 e 1950, Copacabana passava a ser o maior centro de sociabilidade noturna da cidade do Rio de Janeiro, ocupando posto que durante muitos anos pertenceu à região da Lapa.<sup>48</sup>

Com isso, se desenvolveu também a ideia de um imaginário social e urbano de um “submundo” no bairro de Copacabana, ao passo do que havia acontecido

---

<sup>46</sup> KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. São Paulo, EDUSP: 2017.

<sup>47</sup> GREEN, James. “Novas palavras, novos espaços, novas identidades” in: *Além do carnaval*. São Paulo: UNESP, 1999.

<sup>48</sup> O’DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilo de vida no Rio de Janeiro (1890 - 1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 219 – 224.

com a Lapa nas primeiras décadas do século XX. É nesse contexto que se insere a série de reportagens do jornalista Pinheiro Junior publicada em março de 1957.

A partir daquele momento, criava-se uma narrativa de coerência que estabelecia relação entre criminalidade, sexualidade e uso de drogas entre a juventude de uma nova região de sociabilidade noturna da cidade do Rio de Janeiro.

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

JUVENTUDE TRANSVIADA: CRIME DE TODOS NÓS!

Vamos à Zona Sul a Onda de "Gangsters Secunda" — A Cidade Enfrenta um Terrível Problema Social e Humano — Verdade Sobresocorpe — Nete a Sexo, Amaldiçoada Sob o Crime

Primeira de Uma Série de Reportagens de PÊDRO JUNIOR, FOTOS de ESTRELA



Alguns jovens e outras de idade, reunidos em grupo, após de jantares, em grupo dentro de um "cigarrete". "Bela" esse grupo em Casa-Cela para eles, e a cada dia há mais e mais, formando grupos de jovens e outras jovens, que acabam chegando ao crime através de um simples jogo de "Bela". Quando dizem, não sabem dizer, mas não sabem a diferença existente, como foi a "Casa de Estudantes".

**C**ORRADO esta reportagem em meio ao mundo da juventude transviada de nossa cidade, no momento em que se comemora o aniversário de 100 anos da República. A primeira de uma série de reportagens de PÊDRO JUNIOR, FOTOS de ESTRELA.

Uma, a mais antiga, que se encontra no bairro de Santa Cruz, onde se encontra o "Bela". É um lugar onde se encontra a juventude transviada, que se encontra no bairro de Santa Cruz, onde se encontra o "Bela". É um lugar onde se encontra a juventude transviada, que se encontra no bairro de Santa Cruz, onde se encontra o "Bela".

**Aventura Máxima**  
Ainda há, em meio a esta cidade, a mais antiga, que se encontra no bairro de Santa Cruz, onde se encontra o "Bela". É um lugar onde se encontra a juventude transviada, que se encontra no bairro de Santa Cruz, onde se encontra o "Bela".

Em meio a esta cidade, a mais antiga, que se encontra no bairro de Santa Cruz, onde se encontra o "Bela". É um lugar onde se encontra a juventude transviada, que se encontra no bairro de Santa Cruz, onde se encontra o "Bela".

Em meio a esta cidade, a mais antiga, que se encontra no bairro de Santa Cruz, onde se encontra o "Bela". É um lugar onde se encontra a juventude transviada, que se encontra no bairro de Santa Cruz, onde se encontra o "Bela".



Alguns jovens e outras de idade, reunidos em grupo, após de jantares, em grupo dentro de um "cigarrete". "Bela" esse grupo em Casa-Cela para eles, e a cada dia há mais e mais, formando grupos de jovens e outras jovens, que acabam chegando ao crime através de um simples jogo de "Bela". Quando dizem, não sabem dizer, mas não sabem a diferença existente, como foi a "Casa de Estudantes".





Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

Degradação da Vítima e do Criminoso: Todos se Perdem na "Curra"!

O Que Parecia um Simples Jólido Era o Primeiro Movimento do Moveral Atentado — O Horror Tem um Limite: o Repórter Nas Ficoz Alle o Fin

U m momento qualquer de desespero, que derreza, tem um destino garantido antes e a primeira aproximação para a transição da vida para a morte...

Faltou, em reportagem sobre a vida dos jovens que vivem no "curra", uma palavra, desolada, de isolamento, para indicar, no fim da linha, a situação de desespero...

— Mas que você está indo para "curra"? — pergunta o jornalista. — Não, estou indo para o "curra" para fazer uma reportagem...

— Mas é que não, o grupo é extremamente perigoso, e a situação é muito grave, não quero ir para lá...

O "Povo" — Um jovem de 18 anos, chamado "Beto", que vive no "curra", conta a história de sua vida...

Encontro com o "Povo" — Encontro com o "Povo", um jovem de 18 anos, chamado "Beto", que vive no "curra"...



Desenvolvimento físico de jovens que vivem no "curra" — O "Povo" — Um jovem de 18 anos, chamado "Beto", que vive no "curra"...

— Você é muito jovem para estar aqui — pergunta o jornalista. — Não, estou aqui porque quero fazer uma reportagem sobre a vida dos jovens...

A Caminhada de "Toca" — Uma caminhada de jovens que vivem no "curra", mostrando a situação de degradação...

As "Tocas de Curra" — Um grupo de jovens que vivem no "curra", mostrando a situação de degradação...

— Você é muito jovem para estar aqui — pergunta o jornalista. — Não, estou aqui porque quero fazer uma reportagem sobre a vida dos jovens...

— Mas é que não, o grupo é extremamente perigoso, e a situação é muito grave, não quero ir para lá...

M. de Deus Filho do Ex-governador de Paraíba é morto — Foto de Exatão

Exatão — O Ex-governador de Paraíba, M. de Deus Filho, foi morto em um atentado em Exatão, Paraíba, em 14 de março de 1957...

O Ataque

— O "Povo" — Um jovem de 18 anos, chamado "Beto", que vive no "curra", conta a história de sua vida...

— Mas é que não, o grupo é extremamente perigoso, e a situação é muito grave, não quero ir para lá...

O "Povo" — Um jovem de 18 anos, chamado "Beto", que vive no "curra", conta a história de sua vida...

Encontro com o "Povo" — Encontro com o "Povo", um jovem de 18 anos, chamado "Beto", que vive no "curra"...

— Você é muito jovem para estar aqui — pergunta o jornalista. — Não, estou aqui porque quero fazer uma reportagem sobre a vida dos jovens...

AMALHA — Suicídio na Degradação: Drama de Uma Garota "Curada"



Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

A ESPANTOSA VERDADE: SACOPÁ É A TRAGÉDIA DA CHANTAGEM SEXUAL!

Como os Subversivos do Crime Redobrado — Onde e Como Nasceu o Crime — O Mundo de um Mundo em Desorganização, Mundo de Impopularidade e Violência — O Ponto de Honra de um Crime — A História da Matéria "Curada"

A O hábito de capturar animais no alto do Saco, de... (transcription of the article text)



Ativos juvenis durante as primeiras da noite. Este é o local de Sagopá e Andara de Sagopá, no Piquete de uma comunidade desorganizada que faz do crime e da violência o ponto de honra de um crime.

Como os Subversivos da Trágica

Na última da juventude transviada, onde os seus vícios... (transcription of the article text)

Retorno de Transviada

O tipo falso de M. H. indolente, repulso e propenso... (transcription of the article text)

Factos de Honra

Um subversivo transviado... (transcription of the article text)

O Desmentido

Que "ponto de honra" de... (transcription of the article text)

Como os Subversivos da Trágica

Na última da juventude transviada, onde os seus vícios... (transcription of the article text)

Retorno de Transviada

O tipo falso de M. H. indolente, repulso e propenso... (transcription of the article text)

Factos de Honra

Um subversivo transviado... (transcription of the article text)

SOMBA-FEIRA: — "O Que há no fundo da Insignificância Sombria de Bandeira" — Reportagem (S. J. de PAREIRO JUNIOR — Foto: ESTRELA





# O ROTEIRO DA JUVENTUDE TRANSVIADA



Em 2 o BAR MARIQUIN, no Avenida Atlântica, vendida para de "homens" locais. Após o registro sobre a preparação de uma "noiva", abriga sobre a "juventude" de uma faixa de 20 anos, em companhia de um grupo de "transviados" que fazem de lá, mesmo de tarde, o ponto de encontro. Desde que saiu do "M. Aguiar" de há dois dias, "homens" a partir para a "noiva" de uma "noiva", onde se dá a última noite de uma vida de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho.



Outra vista de "transviados", frequentando pelo registro em um ponto de encontro de uma faixa de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho. O grupo de "homens" locais, que vive de lá, mesmo de tarde, o ponto de encontro. Desde que saiu do "M. Aguiar" de há dois dias, "homens" a partir para a "noiva" de uma "noiva", onde se dá a última noite de uma vida de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho.

**Ultima Hora**  
**Tabloide**  
 ANO VII — Rio, 21-3-57 — N.º 2.063

**CONVERSA**  
 do dia  
 Marguerite  
 Zerbeto

**ANTOLOGIA OFICIAL DO ENSINO SECUNDÁRIO**

A **Antologia** produzida, especialmente para acompanhar o ensino secundário, contém textos e exercícios de leitura, de interpretação e de expressão escrita, de que são a base os conteúdos do ensino secundário.

"Uma de suas características essenciais, a **Antologia** apresenta a leitura selecionada e a gramática, apresentando os conteúdos essenciais do ensino secundário, com os conteúdos de leitura e de interpretação de textos, de que são a base os conteúdos do ensino secundário."

"De acordo com o currículo do ensino secundário, a **Antologia** apresenta os conteúdos essenciais do ensino secundário, com os conteúdos de leitura e de interpretação de textos, de que são a base os conteúdos do ensino secundário."

"Uma das suas características essenciais, a **Antologia** apresenta a leitura selecionada e a gramática, apresentando os conteúdos essenciais do ensino secundário, com os conteúdos de leitura e de interpretação de textos, de que são a base os conteúdos do ensino secundário."

"De acordo com o currículo do ensino secundário, a **Antologia** apresenta os conteúdos essenciais do ensino secundário, com os conteúdos de leitura e de interpretação de textos, de que são a base os conteúdos do ensino secundário."



Em o bar **Mariquin**, no Avenida Atlântica, ponto de encontro de uma faixa de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho. O grupo de "homens" locais, que vive de lá, mesmo de tarde, o ponto de encontro. Desde que saiu do "M. Aguiar" de há dois dias, "homens" a partir para a "noiva" de uma "noiva", onde se dá a última noite de uma vida de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho.



Em **Mariquin**, no Avenida Atlântica, ponto de encontro de uma faixa de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho. O grupo de "homens" locais, que vive de lá, mesmo de tarde, o ponto de encontro. Desde que saiu do "M. Aguiar" de há dois dias, "homens" a partir para a "noiva" de uma "noiva", onde se dá a última noite de uma vida de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho.



Em o **Bar Mariquin**, no Avenida Atlântica, ponto de encontro de uma faixa de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho. O grupo de "homens" locais, que vive de lá, mesmo de tarde, o ponto de encontro. Desde que saiu do "M. Aguiar" de há dois dias, "homens" a partir para a "noiva" de uma "noiva", onde se dá a última noite de uma vida de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho.



Em **Mariquin**, no Avenida Atlântica, ponto de encontro de uma faixa de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho. O grupo de "homens" locais, que vive de lá, mesmo de tarde, o ponto de encontro. Desde que saiu do "M. Aguiar" de há dois dias, "homens" a partir para a "noiva" de uma "noiva", onde se dá a última noite de uma vida de "homens" locais, antes de se dirigir para o trabalho.

**ULTIMA HORA em Tabloide Não Pode Ser Vendida Separadamente**

Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

Maconha: Inferno do Vício e da Perversão Sexual Dos Menores!

"Como Hoje e Minha Primeira Experiência (Trágica) no Alívio Dos Entropentes" — A Tremenda e Deformada Fascinação Que a "Erva Malida" Exerce Sobre Partes Transviadas — "Os Comores e Fumal Maconha" — Se os Revelamos no Número Desta Esquadra Ilustrada... • 10.º de Uma Série de Reportagens de FOMERO JUNIOR — Fotos de ESTRELA



Em uma fotografia, que se refere a uma experiência abalada — é um jovem transviado, conhecido pelo nome que lhe deu seu "vício" habitual, e que se despende pelo vício maconha. Fotografia feita durante que a respeito suas condições de existência e a concepção de mundo.

Em Beira de Maconha

Tenho hoje uma outra destinação com S.B. e "Lado Maconha", uma outra figura, uma outra personalidade, uma outra existência, e não vou me deter em detalhes, mas vou dizer que se eu tivesse a honra de conhecer pessoalmente a este jovem transviado, eu poderia dizer que ele é um jovem transviado, conhecido pelo nome que lhe deu seu "vício" habitual, e que se despende pelo vício maconha. Fotografia feita durante que a respeito suas condições de existência e a concepção de mundo.

— "Como hoje e minha primeira experiência (trágica) no alívio dos entropentes" — a tremenda e deformada fascinação que a "erva malida" exerce sobre partes transviadas — "os comores e fumal maconha" — se os revelamos no número desta esquadra ilustrada... • 10.º de uma série de reportagens de FOMERO JUNIOR — fotos de ESTRELA

— "Como hoje e minha primeira experiência (trágica) no alívio dos entropentes" — a tremenda e deformada fascinação que a "erva malida" exerce sobre partes transviadas — "os comores e fumal maconha" — se os revelamos no número desta esquadra ilustrada... • 10.º de uma série de reportagens de FOMERO JUNIOR — fotos de ESTRELA

— "Como hoje e minha primeira experiência (trágica) no alívio dos entropentes" — a tremenda e deformada fascinação que a "erva malida" exerce sobre partes transviadas — "os comores e fumal maconha" — se os revelamos no número desta esquadra ilustrada... • 10.º de uma série de reportagens de FOMERO JUNIOR — fotos de ESTRELA

— "Como hoje e minha primeira experiência (trágica) no alívio dos entropentes" — a tremenda e deformada fascinação que a "erva malida" exerce sobre partes transviadas — "os comores e fumal maconha" — se os revelamos no número desta esquadra ilustrada... • 10.º de uma série de reportagens de FOMERO JUNIOR — fotos de ESTRELA

— "Como hoje e minha primeira experiência (trágica) no alívio dos entropentes" — a tremenda e deformada fascinação que a "erva malida" exerce sobre partes transviadas — "os comores e fumal maconha" — se os revelamos no número desta esquadra ilustrada... • 10.º de uma série de reportagens de FOMERO JUNIOR — fotos de ESTRELA





Um Repórter Mergulha no Mundo Sombrio da Juventude Transviada

# A Alma da "Curra" é a Certeza da Impunidade!

Dois Casos Notórios Que Morreram no Livro de Questões do 2º Distrito — Como a Jovem Maria Lúcia Terminou "Vedeta" — Glória May, Uma "Curra" Diferente — Novas Revelações Dos "Gangsters" Serrano — Uma Coloca é certa: a Polícia Pode Tomar Conhecimento Mas Não Vai Além Dessa — O Nipo de Poderosas Influências Impede a Obra de Profilaxia Social — Um Jovem Transviado Roubou o Próprio Pai — (Iza, do Sítio de Reportagens de PINHEIRO JUNIOR. Com Fotos de ESTRELA — Excluídas de ULTIMA HORA)

**E**SCRITO isto, a alma da "Curra" é a certeza da impunidade. Para poder fazer esta reportagem, mergulhei no mundo sombrio da juventude transviada, e vi uma realidade que não se vê no mundo normal. É um mundo onde a lei não vale, onde a justiça não existe, onde a impunidade é a regra. É um mundo onde a violência é o único meio de resolver os problemas. É um mundo onde a vida é uma luta constante pela sobrevivência. É um mundo onde a alma é corrompida pela certeza de que não será punido. É um mundo onde a juventude se perde, onde o futuro é incerto, onde a esperança é vã. É um mundo onde a vida é um inferno, onde a morte é o único alívio. É um mundo onde a alma da "Curra" é a certeza da impunidade.



A certeza gostosa de que foi vítima a atriz Glória May, foi fechada pela certeza de que não seria punida. Ela é a filha de uma família conhecida por ser a "curra" e não se abateu jamais impiedosamente de lado de sua mãe, em um esforço para tudo.



Falou os "curras" aderiram a sua profissão pelo medo real de família, não desprezível justiça no momento dos "gangsters" errantes. Adulterou, por este lado, que não existe, para eles, um crime maior que o de sua mãe.

**AMOR** os apêndices, estavam extremamente cansados por dia de trabalho. Casaram-se com algumas das mulheres da "curra" que tinham sido obrigadas a trabalhar nas ruas de São Paulo. Ela é a filha de uma família conhecida por ser a "curra" e não se abateu jamais impiedosamente de lado de sua mãe, em um esforço para tudo.

### Caso de Maria Lúcia

Em companhia de S.E., entre outras depoimentos, foi de Maria Lúcia a "Vedeta Azul". A sua história é a seguinte: começou a trabalhar como "gangster" errante, depois, tornou-se conhecida por ser a "curra" e não se abateu jamais impiedosamente de lado de sua mãe, em um esforço para tudo. Ela é a filha de uma família conhecida por ser a "curra" e não se abateu jamais impiedosamente de lado de sua mãe, em um esforço para tudo.

foi a sua história e ela acabou conhecendo quem trabalhava na "curra". Ela é a filha de uma família conhecida por ser a "curra" e não se abateu jamais impiedosamente de lado de sua mãe, em um esforço para tudo.

### Caso Glória May

foi a sua história e ela acabou conhecendo quem trabalhava na "curra". Ela é a filha de uma família conhecida por ser a "curra" e não se abateu jamais impiedosamente de lado de sua mãe, em um esforço para tudo.

foi a sua história e ela acabou conhecendo quem trabalhava na "curra". Ela é a filha de uma família conhecida por ser a "curra" e não se abateu jamais impiedosamente de lado de sua mãe, em um esforço para tudo.

### Caso Glória May

foi a sua história e ela acabou conhecendo quem trabalhava na "curra". Ela é a filha de uma família conhecida por ser a "curra" e não se abateu jamais impiedosamente de lado de sua mãe, em um esforço para tudo.

foi a sua história e ela acabou conhecendo quem trabalhava na "curra". Ela é a filha de uma família conhecida por ser a "curra" e não se abateu jamais impiedosamente de lado de sua mãe, em um esforço para tudo.







PINHEIRO JUNIOR OUVI E REGISTRA AS CONFISSÕES DE MARIA, EX-JOVEM TRANSVIADA



Sinistra Comédia Sentimental: os Falsos Casamentos Dos Transviados

De sua família de um lado, Pinheiro Junior, de outro lado, Maria, ex-jovem transviada, de um lado, Pinheiro Junior, de outro lado, Maria, ex-jovem transviada...

De sua família de um lado, Pinheiro Junior, de outro lado, Maria, ex-jovem transviada, de um lado, Pinheiro Junior, de outro lado, Maria, ex-jovem transviada...

**R**ECORRER a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...

...a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...

...a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...

...a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...

...a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...

**A Deusa do Alibismo**  
...a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...

...a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...

...a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...

...a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...

...a vida de um transviado é como percorrer a vida de um condenado. Há um ponto de partida, há um ponto de chegada, há um ponto de partida, há um ponto de chegada...





## **Anexo II – Entrevista com Pinheiro Junior**

**João Condé** - *Eu vou pedir pra você falar brevemente sobre a sua trajetória profissional...*

**Pinheiro Junior** - Bom, antes de eu ingressar no jornalismo profissional, eu fazia Faculdade Nacional de Filosofia, que tinha um curso de comunicação naquela época. Eu fazia jornalismo estudantil. Estudei nessa escola aqui do lado, Liceu Nilo Peçanha e eu fundei e dirigi alguns jornais mimeografados, que como eu dizia, foram a minha base jornalística. Quando eu já estava no segundo ano, eu fui trabalhar no Última Hora, comecei a trabalhar como repórter, fiquei um tempo como repórter. Eu comecei a trabalhar em 1955 no Última Hora e, em 1957 eu fiz essa reportagem que é do seu interesse, a juventude transviada. E mais ou menos em 1960, por volta de 1964, ou 1962, eu fui chefiar a reportagem do Última Hora. Depois do golpe eu continuei, não mais como chefe de reportagem, eu voltei a ser repórter. Depois passei a ser editor, e eu fui finalmente em 1972, depois de uma carreira mais ou menos atribulada e tumultuada, eu passei a ser diretor do jornal. O jornal já estava nas últimas e eles precisavam de alguém que conhecesse bem a estrutura do jornal, então eu fiquei como diretor até quando o jornal foi vendido.

**JC** - *E voltando pra 1957, você lembra quais eram as suas referências jornalísticas quando você estava prestes a escrever aquela matéria?*

**PJ** - Você diz os jornalistas que eu admirava?

**JC** - *Sim. Você era um repórter jovem, então você devia ter...*

**PJ** - Isso. Eu tinha admiração por Joel Silveira que era mais velho do que eu. E pelo Nelson Rodrigues, que era grande amigo meu. Como repórter o Joel Silveira, e como escritor propriamente dito, o Nelson Rodrigues, com quem eu travei grande contato e fiquei sendo grande amigo dele, e foi a pessoa que me levou pro Globo. Eu acabei fazendo várias entrevistas com ele, numa ocasião que ele estava muito mal, como se fosse a última entrevista que ele fosse dar, mas na verdade depois eu descobri que ele não estava tão mal assim. Bom, as minhas influências foram essas. E os livros que eu lia, não é? E Samuel Wainer, com quem afinal eu fui trabalhar, era uma pessoa que eu tinha admiração por ele, porque era um grande diretor de jornal, era um diretor de jornal que não ficava no gabinete. Ele ia pra redação e

tomava o jornal nas mãos, dirigia e reportagem, editava... Acabei trabalhando 17 anos com ele.

**JC** - *E você lembra como era a sua relação com o cinema? Você lembra quando você assistiu o filme do James Dean, da Juventude Transviada, e quais foram as suas impressões quando você assistiu?*

**PJ** - Ah, eu era um cinéfilo. Por exemplo, “Sem novidades do front”, eu vi oito vezes, e “Depois da tormenta”, eu vi sete vezes. Todas as vezes que passava no cinema perto de casa, o cinema Icaraí, eu ia. Era como se tivesse batendo ponto, gostava muito de cinema. Mas o fato de eu gostar muito de cinema, pra essa reportagem, eu acredito que não teve muita importância, porque quem escolheu o título da reportagem da juventude transviada foi o Samuel Wainer, foi ele que disse: “vamos colocar esse nome porque esse nome já está no imaginário da população, dos leitores. Quando nós pusermos no jornal uma reportagem sobre a juventude transviada, eles vão se remeter aquele filme que fez sucesso com o James Dean, que era o “Rebels without a cause”. Tá contado isso aqui, não tá?

**JC** - *Sim, sim*

**PJ** - E o Samuel também era uma pessoa que gostava muito de cinema. Ele produziu um filme, né, “Os pastores da desordem”. Foi pra Grécia, aproveitou o exílio dele e dirigiu um filme. É isso.

**JC** - *Mas você quando assistiu “Juventude Transviada”? Você assistiu antes de trabalhar na matéria?*

**PJ** - Antes da matéria...

**JC** - *Você lembra de ter traçado algum paralelo com...*

**PJ** - Não. Eu não sei se eu conto neste livro como é que surgiu a ideia da reportagem... O jornal estava precisando recuperar uma tiragem que tava meio baixa, e todo mundo fazia sugestão de reportagem. Eu sugeri que eu fosse fazer uma reportagem frequentando as boates da Zona Sul, onde eu achava que devia ter histórias sensacionais, e realmente tinha. Aí ninguém respondeu. Eu acredito que eles acharam que seria uma reportagem muito cara, e que o jornal talvez não pudesse bancar um repórter durante tanto tempo gastando dinheiro em boate, etc e tal. Aí, logo depois o Luiz Costa propôs que eu fosse fazer uma reportagem, que eu fosse passar uma temporada no presídio da Frei Caneca. Eu falei: “pô, vou dormir com aqueles caras lá?” “É, você vai pra lá como se fosse preso, ninguém vai saber que você é repórter”. Ai eu disse “Ah... E que tal aquela reportagem nas boates?”

Será que eu estou contando essa história direito? Eu tenho a impressão de que até esse momento eu não tinha proposto a história das boates. Eu propus fazer essa reportagem das boates depois que eles me propuseram fazer a reportagem dentro do presídio.

Aí, uns dias depois, ou no dia seguinte, o Luiz Costa me chamou e falou o seguinte: “Olha, tem uma história sensacional pra você. Você já viu aqueles garotos andando de lambreta? O Alderaban Cavalcanti, que mora lá na Rua Raul Pompéia, contou que essa garotada se reúne lá num bar chamado Bar Bico.”

Era Bar Bico? Bom, não tem importância... Se reuniam num bar, e tramavam, fumavam maconha... Naquele tempo fumar maconha era um absurdo. E usavam outras drogas, faziam a maior balbúrdia. Aí ele me perguntou: “você viu aquele filme “juventude transviada”? Pois é, é a juventude transviada de Copacabana.”

Foi nesse momento que nasceu o nome “juventude transviada”. Ele falou: “você vai pra lá, traça um roteiro e volta que nós vamos fazer essa reportagem”. Acabou que eu fui fazer essa reportagem. O Samuel achou sensacional, porque ele era um cara que tinha mentalidade cinematográfica. É aquela história que ele diz, que ele podia usar o mito do repórter que vira bandido pra escrever sobre bandidagem, e que ele pela primeira vez ouviu uma pessoa usar a palavra de reportagem investigativa, até então não conhecia ninguém, embora outros repórteres já tivessem feito reportagens que eu poderia chamar de investigativas, de jornalismo investigativo.

O José Montenegro foi um repórter que se internou no Hospital Pedro II de alienados mentais, aquele hospital do Bispo, da Nise da Silveira, você já ouviu falar na Nise da Silveira? Pois é, ela era diretora desse hospital, e ele se internou como louco, pra contar como era lá dentro. E tinha o Bispo do Rosário, que nesse tempo era um dos internos. Você já ouviu falar no Bispo do Rosário?

**JC** - Não.

**PJ** - O Bispo do Rosário era um artista que usava remendos dentro do presídio, fiapos de roupa, pedaços de rejeitos de tecido. E uma das obras de arte dele se chama “O manto da apresentação”. Na passagem do milênio, foi a única obra de arte representante da arte brasileira que foi exposta numa exposição lá na Europa. Esse Bispo do Rosário era um dos internos, então o José Montenegro, que eu acredito que nesse tempo ele fez um tipo de jornalismo investigativo, ele contou um pouco... Mas o mais interessante do José Montenegro é que ele entrou no presídio, e quando foi num domingo, ele quis sair do presídio. Não deixaram, porque acharam que ele

era maluco mesmo. Aí ele dizia “eu sou jornalista, me internei aqui voluntariamente”. Ai diziam “Ah, tá cheio de jornalista aqui dentro, tudo falso jornalista que se diz jornalista e dá esse golpe pra ir embora pra casa”. Então ele ficou lá forçadamente mais um dia, e o engraçado dessa história é que ele só pode sair na segunda-feira, quando foi alguém do jornal lá soltar ele. José Montenegro, foi um grande repórter. Esse era um dos meus parâmetros também, na reportagem, porque quando eu entrei pra lá o José Montenegro já tinha feito essa reportagem, me lembrei outro nome.

Bom, o que mais que a gente pode falar?

**JC** - *E antes da reportagem, você já tinha algum contato com esses jovens?*

**PJ** - Eu morava em Niterói mas a maior parte do meu tempo eu passava no Rio. Eu tinha na minha cabeça que o repórter era aquele cara que morava no jornal praticamente. Eu ficava no jornal, era um full time, ficava o tempo todo no jornal. Nesse tempo tinha esse tipo de repórter, mas eu era um full time voluntário. Nunca me passou pela cabeça pedir pra ganhar mais porque eu ficava o dia inteiro à disposição do jornal. E por isso que eu fiz uma porção de reportagens interessantes, porque sempre eu tava ali a disposição, como uma espécie de repórter residente. Qual era a pergunta mesmo?

**JC** - *Se você tinha algum tipo de contato com aqueles jovens*

**PJ** - Não. Nunca tinha tido. Eu fui pra lá como uma pessoa completamente desconhecida e isso me ajudou, porque eu fiz contato com diversas pessoas, e uma delas era o Carlos Imperial, que nesse tempo não era aquele artista, e por coincidência era da mesma cidade que eu nasci, isso foi um ponto de contato com ele.

**JC** - *Em qual cidade você nasceu?*

**PJ** - Cachoeira de Itapemirim. O Imperial também era de lá. E depois nós descobrimos outros pontos de contato, que a mãe dele tinha sido professora da minha irmã na escola. Eu vim de Cachoeira com seis anos, pra cá pra Niterói, e ele era a única pessoa que eu conhecia. As outras pessoas que constam da reportagem eu conheci no curso da reportagem, e uma das pessoas que me introduziu nesses personagens que poderiam me contar histórias diferentes foi justamente o Imperial.

**JC** - *E como você e preparou para a reportagem?*

**PJ** - Durante um ou dois dias, eu percorri e fui nesses pontos onde o Alderaban Cavalcanti, que era o repórter que morava em cima do bar onde os “transviados” se reuniam...

**JC** - *Snack?*

**PJ** - Snack Bar, exatamente. Ele morava em cima do Snack Bar. Então o Alderaban Cavalcanti me contou como era. Nos primeiros dias que fui por lá, não vi nada muito diferente daquilo que pra mim era normal, mas eles achavam que aquilo... Havia um preconceito grande contra as pessoas que andavam de lambreta, como existe até hoje... Imaginavam que aquelas pessoas deveriam estar fazendo coisas estranhas. Eu fui, por exemplo, lá pro Copa Golfe, que era uma espécie de um bar, um piano-bar, onde eu encontrei o Imperial. Ali tinha do lado de fora, onde depois se instalou o estúdio da TV Rio, e agora atualmente é um Hotel, não me lembro mais... Mas havia um bar de dois ou três pavimentos e era tudo ocupado por um bar bacana, tinha música, bebida, e dali eu parti pra ter contato com essas pessoas, até que o Imperial me levou pra mostrar uma espécie de quadrilhazinha de jovens que realmente aliciava moças... Era uma espécie de diversão estranha, porque eles levavam as moças, o namorado levava a moça lá pra Avenida Niemeyer, que era um lugar muito deserto naquele tempo. Eles tinham até um lugar que... Eu falo aí da Toca do Julião? Pois é, levavam lá pra Toca do Julião que era uma espécie de lugar onde eles se reuniam no meio do mato, na beira da estrada. E ali eles fingiam que chegava uma gangue e todo mundo submetia a moça àquilo que ela não queria... Você tá gravando, vou usar uma terminologia melhorzinha. E algumas moças eram abandonadas. Elas tinham que voltar, e voltavam metade sem roupa... E eu propus eles que um dia me levassem. Aí ele, o Imperial, já tinha queda pra ações artísticas, então costumava escrever essas coisas, e ele tinha uma imaginação terrível. Ele botava o nome das pessoas: um era o amarrador, outro... Eu falo isso aí também né? Tinha aqueles nomes. Aí eu falei “pô, me leva numa dessas aí pra eu ver se é verdade mesmo”. E eu fui e eu acho que na ocasião em que eu fui, eu engendrei de uma maneira que o fotógrafo Estrella fosse também. E nós marcamos, mas o Estrella não deveria de jeito nenhum aparecer, se não, tinham jovens transviado grandes. Vamos supor que um deles ficasse com raiva e me matasse, entendeu? Tinha um pequeno perigo de vida, mas tinha.

Então, tinham tantas pessoas interessadas na hora de “currar” a moça, vamos dizer assim, que virou uma espécie de tumulto. Eu me lembro que, isso eu não conto na

reportagem, teve uma hora que ela caiu em cima do capô do carro do Imperial, e o Estrella fez essa foto, mas muito longe, muito escura... Depois ele reconstituiu. Depois nós voltamos no lugar, depois que já estava acabado tudo e que eu não precisava mais voltar lá.

Depois que eu terminei a reportagem, procurei descobrir onde que eles vendiam maconha. Era ali na Praça General Osório, em cima de um bar, subia por uma escadinha... Era um mistério danado pra comprar maconha naquele tempo. Nesse tempo não se falava em cocaína, era um negócio absurdamente desconhecido. Em São Paulo havia mais cocaína do que naquela região ali. Então eu vi esse tipo de coisa...

Roubo de automóvel, eu vi... Coisa que não tinha nada a ver com o Imperial, era um outro grupo. Eu conheci um rapaz que roubava carros pelo simples prazer de roubar. Nem ficava com o carro, porque ele era de boa família e se o pai dele descobrisse que ele tava roubando carro, ele estava frito, então eu falei: “você rouba carro como?” E ele me mostrou como ele fazia ligação direta. Isso tudo tá na reportagem, você foi na Biblioteca Nacional pra ver a coleção?

**JC** - *Sim.*

**PJ** - Pois é. Não tem esse roubo de automóvel?

**JC** - *Sim, com as moedas de dois cruzeiros, não é?*

**PJ** - Pra fazer a ligação direta? Eu já não me lembrava mais disso, foi bom você ter falado. 62 anos, depois disso eu fiz centenas de outras reportagens, até que eu julgava mais importantes do que essa... Você imagina, essa reportagem é cheia de defeitos de um repórter principiante, embora eu tivesse bons copy-desks na Última Hora, mas sempre tem problemas.

E uma das moças que eu conheci na reportagem, Teresa, se não me engano. Mas pra esconder o nome dela, eu chamo na reportagem de “Maria”. Ela me fez uma espécie de confissão de como ela tinha ingressado naquilo, de como a família dela era complicada, pra mostrar que tinha um ambiente familiar adverso que jogava essas pessoas num ambiente diferente. A reportagem era isso. E teve muita repercussão, o jornal queria que eu continuasse indefinidamente escrevendo sobre o assunto quando não tinha mais o que escrever. eu escrevi umas trinta reportagens porque aquilo era fator de venda do jornal, não é?

**JC** - *Mas você já esperava a repercussão?*

**PJ** - Não, eu não esperava não, mas eu tenho impressão que o pessoal que editou a reportagem, quando viu o material, eu não tinha experiência pra achar que aquilo pudesse... Quando viram do que se tratava, achou que seria uma reportagem sensacional, e me falaram isso, “pô, você fez um negócio sensacional aqui, ninguém conhece nada disso, os pais veem os filhos na rua e não sabem o que eles estão fazendo, isso aqui vai mostrar como é o filho dele...”. Tinha que tomar providência. Moacyr Werneck de Castro foi um dos que participou da reportagem. O próprio Nelson Rodrigues também. Havia uma espécie de reuniãozinha de pauta pra debater como ia ser no dia seguinte, e participavam Moacyr Werneck de Castro, Samuel Wainer, Luiz Costa e eu, naturalmente, pra debater como seria no dia seguinte, o que podia ser publicado ou não... Em suma, acabou tendo a participação de pessoas importantes da redação pra reportagem ter boa repercussão, e acabou tendo. Eles ficavam querendo que eu repetisse esse tipo de reportagem pela vida a fora. Depois me falaram que tinham uns transviados em Porto Alegre, aí me mandaram pra lá. Tinha, mas eram de uma ingenuidade incrível, fiz lá umas três reportagens e não consegui caracterizar como sendo qualquer tipo de transgressão, entendeu?

**JC** - *E você trabalhou com um fotógrafo, o Estrella? Você ia com ele pros bares? Isso não levantava nenhuma suspeita?*

**PJ** - Não. Depois quando a reportagem terminou, que eu vi que não tinha mais o que apurar, nós começamos a reconstituir os locais. Por exemplo, nós fomos pra Praia do Arpoador, e ele com uma teleobjetiva ele fotografava aquele mesmo grupo que eu tinha entrevistado porque eles frequentavam... Eu me sentia como se tivesse cometendo uma traição com eles, mas é reportagem... Afinal de contas, a reportagem mostra fotos a distância deles dançando na praia, porque era um grupo que dançava rock, o Imperial nesses tempos já gostava de rock e ensinava o pessoal a dançar. Por exemplo, eu fui nesse tempo muito na Galeria Alaska, onde eu conheci lá um homossexual que transava prostituição com pessoas que quisessem. Então nós reproduzimos essa foto na Galeria Alaska.

Levamos um carro pra Avenida Niemeyer e fizemos a reconstituição de algumas fotos que ficaram ruins, mas aparecia escrito. Na reportagem aparecia “recomposição da cena descrita e tal”. Foi mais ou menos isso. A fotografia não era muito difícil de arranjar não. Tinha muita fotografia de praia, muita fotografia de bar. Tinha fotografia também de boates né. E eu contei também a história do crime da Sacopã... Tinha fotografias de arquivo do crime da Sacopã. E depois eu tentei

entrevistar o Manuel Bandeira dentro do presídio, ele tava preso ainda e não quis me receber porque ele achava que seria esculachado, como se dizia naquele tempo. E eu entrevistei o filho do prefeito João Carlos Vital, que era considerado do grupo, contanto que mudasse o nome dele... Já o Imperial ficou numa satisfação incrível quando descobriu que era reportagem, e que aquelas histórias que ele tinha me contado iam sair todas.

Quando reportagem começou a sair, o Juscelino Kubitschek que era presidente da República, mandou que a PGR instituísse uma comissão pra apurar até que ponto havia transgressão.

(Homem interrompe)

**PJ** - Então o procurador geral da república instalou uma comissão e eu encontrei com o Imperial. Nessas alturas as reportagens já estavam saindo, já estava pela décima reportagem, não sei... Ele não estava zangado comigo, pelo contrário... O nome dele eu botei C.I. de Carlos Imperial, aí eu perguntei se ele prestaria um depoimento na comissão da PGR. Então eu levei ele lá, ele prestou um depoimento que fez um sucesso, contou coisa até que eu nem sabia. Depois levei também o Paulo Silvino, sabe quem é?

**JC** - Não.

**PJ** - Paulo Silvino era o personagem P.S. Era filho de um grande humorista chamado Silvino Neto, era tudo gente conhecida lá de Copacabana nesse tempo. E ele também prestou um depoimento. E a própria Teresa, a “Maria”, também prestou depoimento. Em suma, eu não sei o que a comissão concluiu, mas algumas sugestões que eu fiz, eles atenderam. Por exemplo: eu propus que tivesse mais um distrito policial em Copacabana. Porque tinha a décima delegacia em Botafogo, depois tinha a décima primeira que eu não me lembro onde era. A décima segunda era na Hilário de Gouveia. Ai eu falei “Bota mais uma, pô, tá muito longe uma delegacia da outra, não dá conta”. Aí eles criaram a décima terceira delegacia que existe até hoje, e criaram a delegacia da Barra da Tijuca. Foi proposta minha, que eu falei: como pode um lugar grande daquele como a Barra da Tijuca, onde acontecem coisas como aconteceu o crime do lambretista que eu te contei... Aí eles criaram também a décima sexta delegacia. Tudo isso foi consequência das reportagens.

Por coincidência ou por que havia uma ebulição nessa época, dos fatos, houve logo depois o caso da Aída Curi, não é? Que caiu lá de cima do Edifício Nobre, que teve uma repercussão muito grande. E eu não cobri o fato criminal, eu fiz o fato paralelo, entrevistar as pessoas envolvidas naquilo. E é isso.

**JC** - *Depois da repercussão, o jornal toma a decisão de proteger os nomes...*

**PJ** - Isso, foi difícil... Uma vez eu estava na... Eu por exemplo fui proibido de voltar em Copacabana.

**JC** - *Por quem?*

**PJ** - Mandavam parar os jipes de reportagem e falavam: “Fala pra aquele Pinheiro que se ele aparecer aqui ele vai levar uma surra, que ele não pode vir aqui não, que ele é um dedo duro”. Eu achava aquilo muito estranho. Uma vez eu fui até o Snack Bar e saiu um tiroteio, disseram que os caras tavam querendo me atingir com um tiro. Uma moça foi ferida com um tiro na perna, isso foi manchete do jornal, até a Tribuna da Imprensa deu. E um delegado, Valdir de Matos Dias, da décima segunda delegacia, quando eu fui prestar depoimento, ele não gostava da Última Hora, ele era, vamos dizer assim, do grupo do Carlos Lacerda e aí ele indiciou a mim e ao fotógrafo por tentativa de homicídio. Mas por coincidência, logo assim que aconteceram os primeiros tiros, eu corri e fui chamar um PM, e eu arrolei o PM como minha testemunha e fui inocentado completamente. Então dessa eu escapei, mas o Estrella não estava comigo, e o delegado insistiu em indiciar o Estrella. Bom, se tinha era porque o Estrella queria, certo ou errado, ele queria proteger a gente, você tá entendendo? Mas como eu vi pela situação que o Estrella poderia ser condenado por tentativa de homicídio e por vingança do delegado, ele podia pegar um xadrez a qualquer momento, o Evaristo Moraes, era o nosso advogado, e ele falou o seguinte: “Olha, você como repórter, tem autoridade de jornalista que publicou a matéria, vai lá e procura o promotor do caso e conta pra ele a verdade.” Aí eu procurei saber quem era o promotor. Ele morava aqui em Niterói. Aí eu fui na casa dele e ele veio de calção de banho me atender na portaria e eu contei o que tinha acontecido. Ele ouviu e me disse “Olha, vai pra casa e fala pro seu amigo ficar tranquilo que eu vou mandar arquivar o inquérito por falta de provas”. Mas alguém atirou, não é verdade? Mas o processo dependia do delegado, nesse tempo delegado era uma figura importantíssima. Então a reportagem foi tendo essas consequências, e eu levei muito tempo sem poder aparecer em Copacabana. E eu falei “então não vou mais lá, qual problema? Eu moro em Niterói”

**JC** - *Mas porque o Última Hora toma a decisão de proteger os nomes?*

**PJ** - Olha só, era a lei. Você não podia usar nomes de menores, não é verdade? Todos eram menores de 18 anos. Acho que o Paulo Silvino tinha 16, Imperial tinha 16... Todos menores de 18 anos. A primeira questão era essa. A segunda questão, eu que insisti que se usasse só as iniciais, pra não dar a impressão que eu tava fazendo uma denúncia policialesca. Eu não queria parecer que eu era um policial, e as pessoas que eram contra a reportagem queriam me caracterizar de dedo duro. A prova disso é que ninguém foi perseguido, a não ser depois disso, o Cássio Murilo e o Ronaldo do caso Aída Curi, mas aí não tinha mais nada a ver com a reportagem que eu tinha feito.

**JC** - *Na matéria você fala sobre a experiência do “transvio”, você não era colocado como mero observador. O Jornal falava “Pinheiro Junior transviou-se”*

**PJ** - Não, não. Não tinha essa palavra não. Transviou-se, não. Eu até participei do grupo da juventude transviada, agora me transviei, não... Acho que não tinha essa palavra não.

**JC** - *E sobre a expressão do “mergulho no mundo sombrio da Juventude Transviada”?*

**PJ** - Ah, sim. Mergulho era a ideia da pesquisa, de investigação.

**JC** - *E fala sobre o uso de maconha?*

**PJ** - Nesse tempo todo mundo experimentava maconha, eu experimentei, não uma vez só. Várias vezes, não uma só. Qual o problema?

**JC** - *Não, nenhum.*

**PJ** - Pois é, mas nesse tempo era uma transgressão. Eu comprei a maconha, e disseram que era boa, e eu me fiz fotografar. Puxei a maconha e me fiz fotografar. Parece que o jornal publicou na primeira página uma fotografia minha com... Eu caprichei no... Depois disso eu não tive mais nenhuma experiência.

**JC** - *E hoje em dia, qual é o seu olhar sobre esse conjunto de matérias que você publicou?*

**PJ** - Eu fico satisfeito de saber que eu ingressei por esse caminho social, de ajuda no jornalismo. Era uma coisa que parecia não acabar nunca e não teve o menor resultado, pelo contrário, cresceu, não é? Cresceu e nós chegamos a esse ponto. Mas eu fico satisfeito. Eu fiz o que era possível e eu acho que eu cumpri minha missão de jornalista. Teria feito de novo, talvez com a cabeça que eu tenho atualmente, teria me protegido mais. Talvez não tivesse feito o que eu fiz porque a grande dose

de ingenuidade que eu tive me facilitou. Por exemplo, entrar nesses grupos, achando que não poderia acontecer nada comigo era muita ingenuidade. Hoje eu fico me perguntando, se os caras descobrissem que eu tava ali pra fazer uma reportagem, pra denunciar todo mundo, ninguém ia imaginar que eu ia botar só iniciais. Os caras poderiam me matar... Então hoje talvez eu não teria coragem pra fazer essa reportagem, a ingenuidade ajuda muito, né. É isso.

## Bibliografia

AMADO, Janaína; MORAES, Marieta de (coord.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BASSANEZI, Carla. “Mulheres nos anos dourados” in: DEL PRIORI, Mary (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CORRÊA, Larissa R. “Movimento sindical, Igreja Católica e anticomunismo: a atuação do Círculo Operário Católico no Rio de Janeiro durante a Ditadura Militar (1961- 1978)”. 2016 (Elaboração de projeto de pesquisa).

DE LUCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: BASSANEZI, Carla (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes; *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

FRANCISCHETT, Leandra. 50 anos do assassinato de Aída Curi – o foto-jornalismo fazendo escola na revista O Cruzeiro. Revista Fazendo Gênero, n. 8.

GREEN, James. “Novas palavras, novos espaços, novas identidades” in: *Além do carnaval*. São Paulo: UNESP, 1999.

GUIMARÃES, Valéria. Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais.

JUNIOR, Pinheiro. *A Última Hora: como ela era: história e lenda de uma convulsão jornalística contada por um atuante repórter do jornal de Samuel Weiner*. Rio de Janeiro, Mauad X: 2011.

KALIFA, Dominique. *Os bas-fonds: história de um imaginário*. São Paulo, EDUSP: 2017.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana*. São Paulo, Brasiliense: 1984.

O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilo de vida no Rio de Janeiro (1890 - 1940)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna” in: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil; 4*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MULLER, Angélica. “Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade nos anos 1968”. in: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (org). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2013.

PEREIRA, Simone Luci. “Imprensa e Juventude nos Anos 50”. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001, Campo Grande/MS, 2001.

SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. *A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)*. 2013. 232 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.



